elucidario nobiliarchico

revista de historia e de arte

N.º 1 Janeiro 1929

ELUCIDARIO NOBILIARCHICO

Revista de Historia e de Arte

LOUVADA POR PORTARIA DO MINISTERIO DA INSTRUÇÃO PUBLICA EM 15 DE FEVEREIRO DE 1929

REDAÇÃO — Palacio da Rocha do Conde d'Obidos, LISBOA — Telefone T. 3572
ADMINISTRAÇÃO — Largo da Abegoaria, LISBOA — Telefone T. 2337

Primeiro Volume — 1928 — 400 paginas

Vende-se na LIVRARIA J. RODRIGUES & C.ª

186, RUA AUREA, 188 — LISBOA

Encadernado em couro vermelho com ferros a ouro — Esc. 300$00
Encadernado em couro branco com ferros a quente — Esc. 275$00
Por encadernar — Esc. 200$00

Segundo Volume — 500 exemplares — em publicação

N.º 1 — JANEIRO — 1929

SUMARIO

ELUCIDARIO NOBILIARCHICO — 1.º VOLUME — A. D. Pag. 7
ELUCIDARIO NOBILIARCHICO — 2.º VOLUME — A. D. » 9
HERALDICA DE DOMINIO — A. D.
EXPOSIÇÃO NO MUSEU DO CARMO 11
BRAGANCA ..... » 12
MOURA ..... » 17
CANCIONEIRO DA ARMARIA — PELO CONDE DE S. PAIO (D. ANTONIO) ..... » 20
BIBLIOGRAFIA DE HISTORIA E DE ARTE ..... » 43

O Segundo Volume do ELUCIDARIO NOBILIARCHICO será distribuido em fasciculos mensaes tendo pelo menos 32 paginas cada um e completando-se com 400 paginas.

NÃO SE VENDEM FASCICULOS ISOLADOS

Quando algum dos Senhores Assignantes não deseje continuar a receber os fasciculos pode devolve-los á Administração que os recebe pelo preço que o mesmo Senhor Assignante os recebeu.

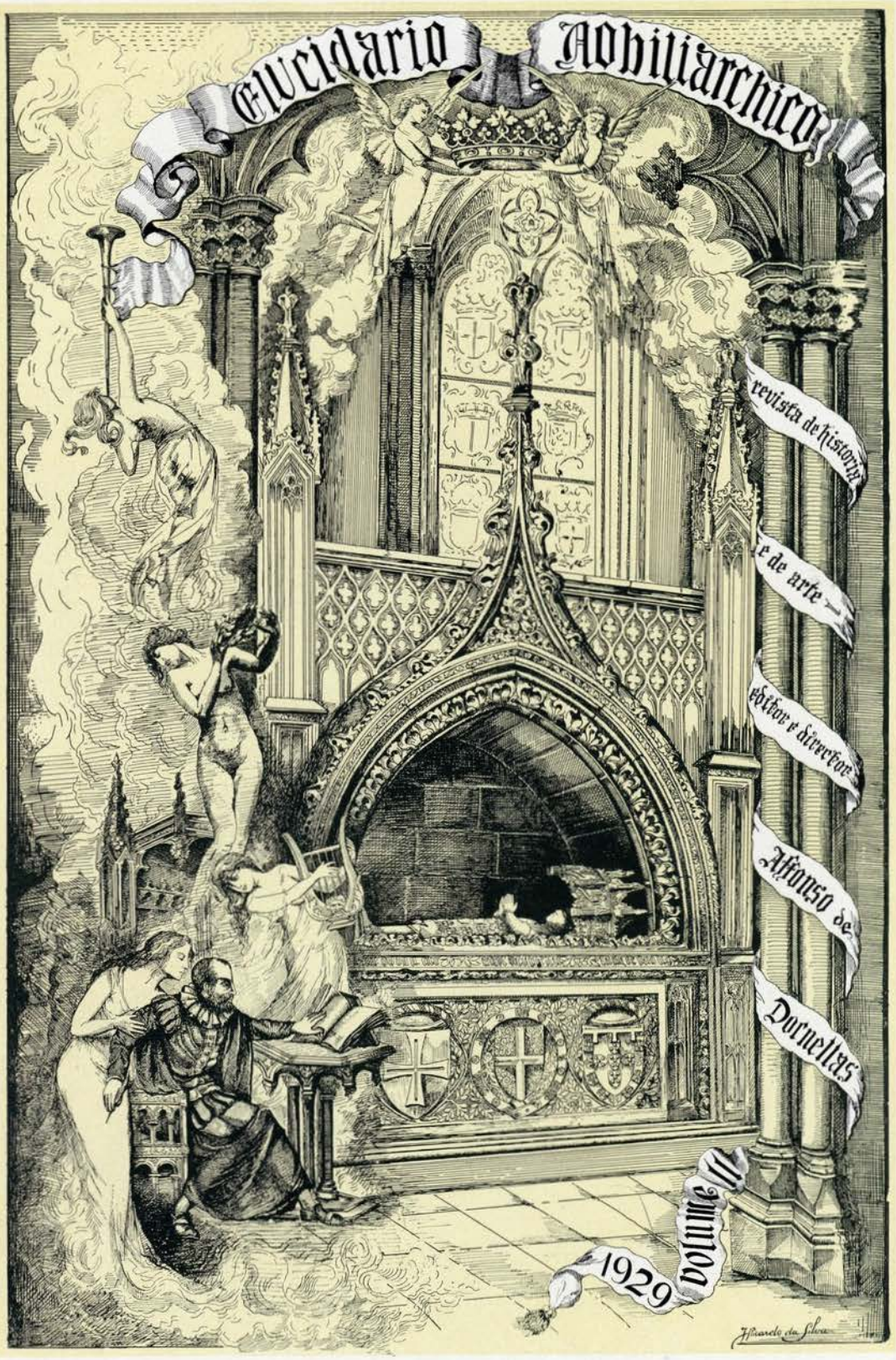
REV. 38FH M.

Oferta

Biblioteca Popular de Lisboa

Biblioteca Popular de Lisboa

Dep. Leg.


Elucidario Nobiliarchico
revista de historia
e de arte
editor e director
Afonso de
Dornellas
volume II
1929
J. Ricardo da Silva

Biblioteca Popular de Lisboa

Elucidario Nobiliarchico

MINISTERIO

DA

Instrução Pública

Secretaria Geral

Tendo a publicação ilustrada *Elucidario Nobiliarchico*, revista de história e de arte, repositório muito valioso de trabalhos de heráldica, arte, iconografia e história, completado o seu primeiro volume;

Tendo contribuido eficazmente para o desenvolvimento dos estudos da sua especialidade, inserindo importantes trabalhos inéditos de escritores portugueses:

Manda o Govêrno da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, que seja dado público testemunho de louvor a Afonso Dornelas, director e proprietário da referida publicação, bem como aos seus collaboradores literários e artisticos.

Paços do Govêrno da República, 15 de Fevereiro de 1929. — O Ministro da Instrução Pública, *Gustavo Cordeiro Ramos.*

Diario do Governo n.º 47 (II.ª serie) de 27 de Fevereiro de 1929.

J. Ricardo Silva

Dep. Leg.

PRIMEIRO VOLUME

1928

QUINHENTOS EXEMPLARES

COLLABORAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA DE

AFFONSO DE DORNELLAS
ALBINO LAPA
CONDE DE SÃO PAYO (D. ANTONIO)
JOÃO BRAZ D'OLIVEIRA
JOSÉ MENDES DA CUNHA SARAIVA
LUCIANO JOSÉ OLIVEIRA RIBEIRO
LUIZ KEIL
MANUEL DE SÁ

COLLABORAÇÃO ARTISTICA DE

ANTONIO LIMA
JOÃO RICARDO DA SILVA

SUMMARIO POR ASSUMPTOS

HERALDICA DE DOMINIO

Armas de Dominio 7
Alcanede 233
Arruda dos Vinhos 325 369
Aveiro 165
Azambuja 357
Belmonte 15-367
Borba 261
Caria (Beira Baixa) 104 368
Castello Branco 293
Castro Marim 201-368
Cezimbra 136-368
Cucujães 265
Luso 73-367
Mealhada 38
Palmella 229
Penafiel 33
Pombalinho 298
Portimão 197
Portugal 8
Salvaterra de Magos 327-369

Sandomil 181
Santarem 101
Setubal 133
Silves 11-366
Villa Franca de Xira 361
Villa Real de Traz-os-Montes 69

HERALDICA DE FAMILIA

Antonio Roiz Gondim 237
Antonio Cordeiro Fialho 298
Clemente Correia 183
Diogo Pereira de Sampaio 182
Dürer 194
Francas 41-375
Francisco da Silva de Noronha 49
Heitor Mendes Rebello 186-235
José Pinto de Sousa e Silva 238 374
José Antonio Quaresma 301
José Arnau d'Almeida Serra 370
Manuel Freire 240
Manuel Martins de Deus 146
Manuel de Sousa Soares 186
Martins de Deus 141-375
Miguel Coelho de Mello 236
Pedro de Rebello Furtado 184
Pereiras 52

HERALDICA DE CORPORAÇÃO

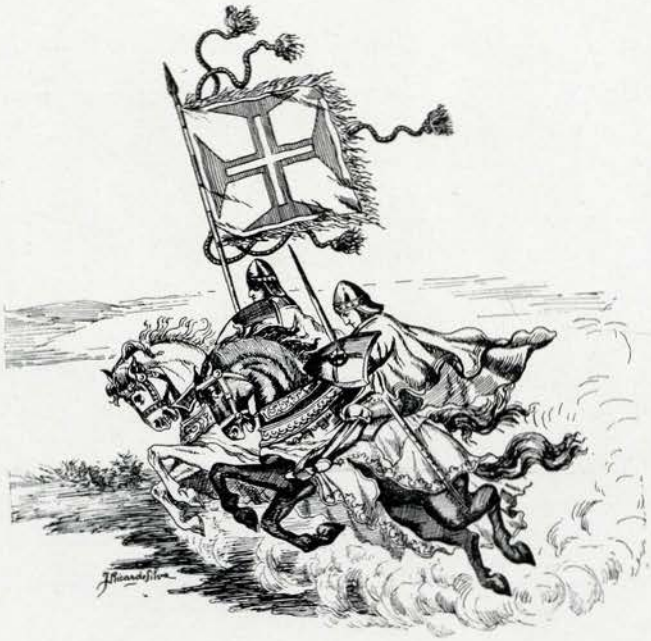
Associações Commerciaes 191
Associação Commercial do Bombarral 191
Bombeiros 188
Bombeiros Voluntarios de Amarante 268
Bombeiros Voluntarios do Bombarral 189
Commissariado da Exposição Portugueza em Sevilha 241
Gremio dos Açores 208-384
Misericordias 378
Misericordia de Monchique 380
Sociedade de Estudos e Propaganda do Algarve . . 382

BIOGRAPHIA, ICONOGRAPHIA E BIBLIOGRAPHIA

Alberto Dürer 193
Beata Beatriz da Silva 77
Bibliographia de Historia e de Arte 196-291
Luiz de Camões 152-210-386

HISTORIA E ARTE

Cezimbra Artistica 320
Convento do Carmo em Lisboa 333
Casamento do 2.º Conde de Villa Real 305
Elucidario Nobiliarchico 393
Navios Portuguezes Antigos 294
Tapeçarias de D Affonso V 107 389
Tapeçarias de D. João de Castro 271
Tomada de Lisboa 207-376
Paineis attribuidos a Nuno Gonçalves 81-385



Elucidario Nobiliarchico

REVISTA DE HISTORIA E DE ARTE

Editor-Director AFFONSO DE DORNELLAS—Palacio da Rocha do Conde d'Obidos—Lisboa

Composto e impresso no CENTRO TIP. COLONIAL—L. d'Abegoaria, 27—Lisboa

II VOLUME — JANEIRO 1929 — NUMERO I

O SEGUNDO VOLUME DO

Elucidario Nobiliarchico

Iniciando a publicação do segundo volume do «Elucidario Nobiliarchico», venho satisfazer o grande desejo de muitos estudiosos de que exista em Portugal uma Revista de Historia e de Arte d'esta natureza, tendo por fim principal procurar resolver assumptos de heraldica e dar a conhecer elementos de Historia e de Arte que andem mal interpretados ou que sejam desconhecidos.

A heraldica nos seus diversos aspectos bem merece o cuidado dos investigadores, visto que se pode affirmar que ha seculos que anda abandonada e, ainda o que é mais grave é, que tem sido semeada de erros e tem tido pessimas interpretações.

Procuraremos tanto quanto possivel desenvolver esta especialidade de estudos, tentando definições baseadas na melhor razão. Felizmente em Portugal como em outros Paizes, talvez um pouco vagarosamente, vae-se achando gosto ao estudo da heraldica como bem ficou demonstrado em 1928 em que já tanto se estudou, apparecendo até trabalhos especiaes sobre fontes da heraldica, conforme se verifica pela explendida «Revista de Arte e de Heraldica — Ceramica Brazonada», que além de peças de loiça, nos apresenta desenvalvidos estudos genealogicos e biographicos sobre os proprietarios das Armas.

Bem haja o grande cultor da heraldica o Illustre Conde de Castro e Solla, que com tanto carinho criou a referida Revista.

São estes e outros trabalhos identicos, viva prova da reacção que naturalmente se está operando contra o abandono das coisas do passado.

Tenho procurado por todas as formas ver se consigo iniciar estudos sobre os brazões da cada familia, mas ainda é cedo pelas grandes difficuldades que existem e que espero fazer desapparecer em breve.

Para prova da complicação que ainda é hoje a heraldica, vejam-se os estudos publicados no primeiro volume do «Elucidario», sobre as famillias «Martins de Deus», e «Franca».

São duas famillias vindas do extrangeiro, que podem servir de exemplo para ficarmos percebendo como estarão todas as outras e quanto trabalho darão, umas para se definirem e outras para se desembralharem da confusão em que se encontram.

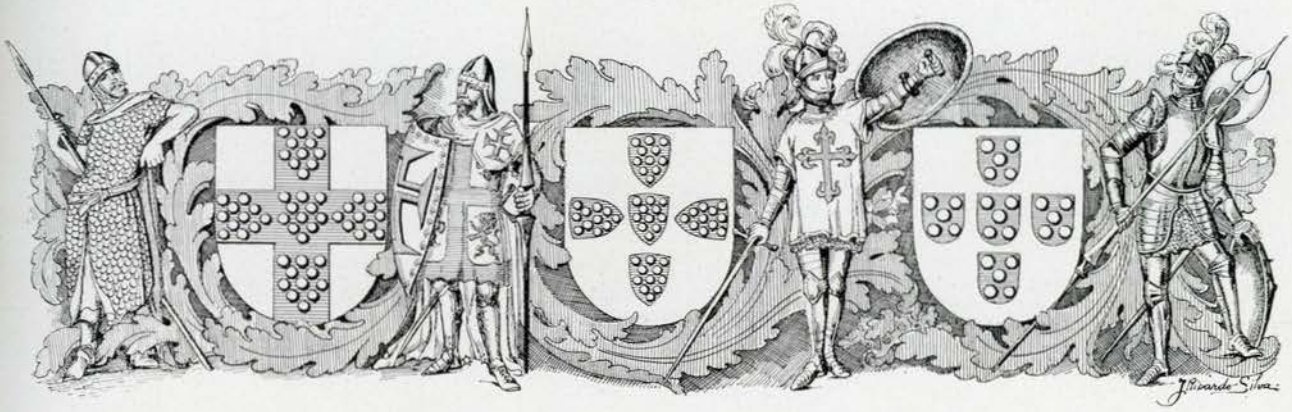
E' raro o dia em que não acumulo material para o estudo e conhecimento da heraldica, mas é impossivel começar a sua publicação sem primeiro tentar exgotar o que ha sobre Cartas d'Armas.

Ha muitos anos que trabalho no assumpto podendo felizmente dizer que tenho recebido innumeros elementos de conhecidos e de desconhecidos. Espero poder em breve dar a conhecer as minhas tentativas de organização de um Armorial.

Peço a todos os leitores que me continuem a auxiliar com os seus conselhos e com os elementos que possuam para esclarecimento dos assumptos que se forem tratando pelo que em meu nome e no dos que forem aproveitando com tal beneficio, muito reconhecidamente agradeço.

Lisboa-Janeiro.

Affonso de Bruellas
1929



HERALDICA DE DOMINIO

Exposição das Armas e Estandartes das Cidades e Villas

NA principal salla do Museu Archeologico da Associação dos Archeologos Portuguezes, foi em 30 de Janeiro corrente inaugurada uma exposição de reproducções em aguarella dos Estandartes de algumas Cidades e Villas de Portugal.

O Jornal *Diario de Noticias* no seu constante intuito patriotico, quiz dar grande publicidade ao assumpto começando por encher quasi uma pagina do seu jornal de 29 do corrente mez de Janeiro, reproduzindo 19 desenhos de estandartes com as descrições respectivas e com a seguinte noticia:

— Ressurgimento Regionalista — Paginas da historia de alguns Municipios de Portugal expostas no Museu do Carmo em ricas illuminuras. — Com a presença do sr. Ministro da Instrucção, inaugura-se amanhã, no Museu Archeologico do Carmo, séde da Associação dos Archeologos Portuguezes, uma interessantissima exposição, que, além do seu aspecto artistico, deveras apreciavel, revela o patriotico proposito de recordar, atravez do simbolismo heraldico — que uma complicada sciencia internacionalmente regula — factos honrosos da historia dos Municipios, as suas tradicções e riquezas regionaes que os caracterizam. Assim como os pelourinhos representavam o direito da aplicação da Justiça, os sellos Municipaes significavam o direito da autonomia administrativa. A evolução da heraldica de dominio, isto é, a representação dos primitivos sellos — que auctorisavam as resoluções das edilidades — nas pedras de armas que sinalavam os seus paços e outros edificios — assim como nas bandeiras ostentadas nas solenidades civicas e nos trabalhos da guerra, tudo isto, a exposição, que amanhã se patenteará no Carmo, faz reviver, graças á Secção de Heraldica da prestimosa e veneranda Associação dos Archeologos, e muito especialmente ao seu presidente, o erudito academico sr. Affonso de Dornellas, que elaborou os pareceres a pedido das respectivas Camaras, as quaes sem discrepancia as aprovaram. A parte artistica d'este primeira serie, se bem que dirigida pelo sr. Affonso de Dornellas, foi com rigor inegualavel executada pelos srs. João Ricardo da Silva e Antonio Lima, desenhando o primeiro, com extrema correcção, as peças heraldicas, e pintando o segundo, primorosamente, as bandeiras, com o cuidado, minucia e perfeição de um artista consagrado que, na realidade, já é, sendo o seu trabalho um primor que nos recorda os aureos tempos da illuminura quinhentista. Reproduzimos, ao acaso, alguns desenhos, que, aliaz, não dão bem ideia da beleza das pinturas. Esta exposição obedece ainda ao desejo manifestado por muitas pessoas da provincia, residentes em Lisboa, de poderem apreciar os brazões e estandartes das suas terras, desejo que a Associação dos Archeologos gostosamente satisfaz, expondo por series, os brazões e estandartes que sucessivamente vae estudando por intermedio da sua Secção de Heraldica, cujos pareceres, devidamente illustrados, enriquecem o *Elucidario Nobiliarchico* volume precioso de Historia e de Arte, ha pouco concluido. —

Varios outros jornaes tiveram amabilidade identica tendo sido porém esta noticia a mais desenvolvida, razão porque a transcrevi.

Em 31, toda a Imprensa de Lisboa se manifestou d'uma forma digna de grande reconhecimento. Vejamos o que amavelmente disse o jornal *O Seculo:*

O sr. Ministro da Instrucção Publica inaugurou, ontem, pelas 15 horas, no Museu Archeologico do Carmo, a exposição de brazões de Armas de Dominio de algumas cidades e villas do Paiz, e estandartes dos respectivos Concelhos.

A Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes, a que preside o erudito investigador heraldista sr. Affonso de Dornellas, tem recebido de varias municipalidades pedidos de indicação das respectivas armas, para as que ainda não as tinham, ou de ordenação e definição dos seus antigos brazões, quando o uso os alterou, coexistindo varios tipos de armas.

A referida secção tem emitido os seus pareceres, os quaes teem sido aprovados e mandados executar pelos corpos administrativos respectivos.

Parte d'esses trabalhos tem sido publicados no *Elucidario Nobi-*

liarchico, figurando agora todos na exposição hontem inaugurada, no Museu do Carmo.

Os desenhos, executados pelo sr. João Ricardo da Silva e illuminados pelo sr. Antonio Lima, figuram na exposição acompanhados d'uma breve descripção do seu symbolismo.

A symbolica da velha heraldica é aproveitada, quanto possivel, nos brazões, introduzindo-se-lhes elementos novos, que interpretam, porém as caracteristicas das povoações brazonadas. Os escudos de todas as Cidades e Villas são encimados pela corôa mural, de seis torres para as Villas, e de oito para as Cidades, embora nem todas tivessem sido recintos fortificados. As bandeiras, gironadas umas, quarteadas outras, são das cores das peças principaes das armas, sendo de melhor effeito decorativo as bandeiras d'uma só côr, correspondente ao esmalte predominante no brazão.

O desenho dos brazões é minucioso e a illuminura perfeita, offerecendo a exposição interesse pelo que tem de evocador.

O sr. Dr. Cordeiro Ramos, depois de visitar a exposição, visitou as outras dependencias da Associação dos Archeologos, acompanhado pelo Presidente da Associação, sr. Dr. Laranjo Coelho; secretario geral, conde de São Payo, restantes componentes dos corpos gerentes e membros da Secção de Heraldica, srs. Affonso de Dornellas e Frazão de Vasconcellos.

Entre a assistencia encontrava-se o sabio professor Leite de Vasconcellos, que deu eruditos esclarecimentos a proposito de algumas peças archeologicas expostas no Muzeu.

Houve um engano, no amavel relato acima, o numero de torres nas coroas muraes é de cinco para as Cidades e de quatro para as Villas.

Continua a exposição durante os primeiros dias de Fevereiro.

*

* *

Não é esta a primeira exposição de Heraldica de Dominio que se faz em Portugal, pois em 16 de Setembro de 1855, dia da aclamação do intelligentissimo Rei Senhor D. Pedro V, foi inaugurada no Terreiro do Paço, uma exposição das Armas das Cidades e Villas de Portugal, pintadas em grandes escudos que foram afixados junto ás janellas de todo o edificio dos Ministerios.

Motivou esta exposição a conhecida obra de I. de Vilhena Barbosa, «As Cidades e Villas da Monarchia Portugueza que teem Brazão d'Armas» publicada em tres volumes em 1865.

Pensou a Camara Municipal de Lisboa em fazer uma obra no mesmo sentido para o que dirigiu uma circular a todas as Camaras Municipaes do Paiz pedindo todos os elementos que existissem nos respectivos archivos.

Esta circular era datada de 25 do mesmo mez de Setembro de 1855 e teve grande quantidade de respostas conforme tenho dito em alguns dos pareceres que sobre o mesmo assumpto publiquei no primeiro volume do *Elucidario Nobiliarchico*.

Não chegou a referida Camara Municipal a publicar este estudo, mas dez annos depois appareceu a citada obra de Vilhena Barbosa que inclue 125 descripções de Armas.

A actual exposição tem a mais os estandartes com as cores das peças principaes das Armas conforme mandam as regras da Heraldica.

A primeira exposição apresentou as Armas conforme estavam na occasião sendo adoptadas pelos respectivos Municipios, quer dizer, sem normalidade, sem obediencia a qualquer regra e muitas até com grandes demonstrações d'uma perfeita negação Heraldica.

A actual exposição demonstra o grande desejo de normalisação e de acertar com todas as regras da Heraldica.

Os estandartes apresentados na segunda e portanto actual exposição, são:

— Alcanede, Alcobaça, Alcoutim, Alhandra, Aljustrel, Alvaiazere, Amarante, Arganil, Arruda dos Vinhos, Aveiro, Azambuja, Barcellos, Beja, Benguella, Belmonte, Bombarral, Borba, Bragança, Caminha, Cantanhede, Caria, Cardigos, Cascaes, Castanheira de Pera, Castello Branco, Castro Marim, Ceia, Celorico de Basto, Ceuta, Cezimbra, Collares, Cucujães, Fronteira, Guarda, Ilhavo, Lages do Pico, Lamego, Luzo, Mafra, Marco de Canavezes, Mealhada, Monchique, Moura, Olhão, Ourem, Palmella, Paredes de Coura, Penafiel, Pernes, Peso da Regua, Pombalinho, Portimão, Redondo, Rezende, Rodam, Sabugal, Salvaterra de Magos, Sandomil, Santarem, Santo Thirso, S. João da Madeira, S. Martinho do Porto, Sertã, Setubal, Silves, Taboa, Teixoso, Thomar, Torres Vedras, Vacariça, Vagos, Villa Franca de Xira, Villa Real de Santo Antonio, Villa Real de Traz-os-Montes.

A. D.

BRAGANÇA

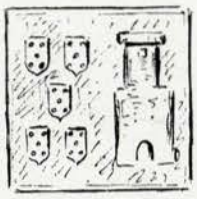
Parecer apresentado por Affonso de Dornellas á Secção da Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes e aprovado em sessão de 13 de Junho de 1928.

CABENDO agora a vez de estudar as Armas da antiquissima Cidade de Bragança, tenho occasião de tornar a demonstrar que a Heraldica em Portugal quer seja de familia, de dominio, ou de corporação, tem sido por tal fórma tratada e considerada que causa espanto.

O que se tem dito sobre as Armas de Bragança chega a ser digno de registo.

Vejamos os interessantissimos elementos que sobre o assumpto me enviou o sr. Dr. Raul Teixeira, natural de Bragança e Juiz em Niza.

Ill.mo e Ex.mo Senhor Affonso de Dornellas da minha maior consideração.—A' competentissima autoridade de V. Ex.ª venho pedir, como brigantino e como assignante da preciosa revista «Elucidario Nobiliarchico», que V. Ex.ª tão brilhantemente dirige, a resolução definitiva do problema do escudo de Bragança. Junto envio a V. Ex.ª desenhos de todos os escudos de Bragança, aqui conhecidos. O do estandarte do Municipio, bordado sobre damasco vermelho, vae pintado nas cores proprias, no desenho junto. E' o unico escudo pintado pode dizer-se, pois outro, que está no Arco-Cruzeiro da Sé Catedral, está tão sujo que não se distinguem as cores. Alem dos nove escudos cujos desenhos vão inclusos, que são: — o do pelourinho; — o do Poço da Camara; — o do Arco-Cruzeiro da Sé; — o da fonte do Conde; — o da fonte do Jorge; — o do tanque de S. Lazaro; — o da egreja de S.ta Clara; — o do Codigo das Posturas Municipaes, editado em 1864; — e o estandarte Municipal. Conheço mais os seguintes, quasi todos diferentes;



Armas esculpidas no Pelourinho

Armas esculpidas no Poço da Camara

Armas esculpidas no Arco Cruzeiro da Sé

Armas esculpidas na Fonte do Conde

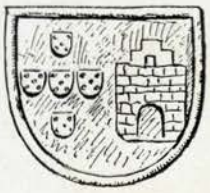
— o que vem em Vilhena Barbosa («As cidades e villas da Monarchia Portugueza que tem brazão d'armas», vol. I, pag. 91);

— o da base da estatua de D. Pedro IV, no Rocio, em Lisboa;

— o pintado no této da «Salla do Municipio», na Camara Municipal de Lisboa;

— o do monumento, por acabar, da Guerra Peninsular, no Campo Grande, em Lisboa (copiado, talvez do de Vilhena Barboza, com a diferença, parece, que o castello assenta sobre ondas e não sobre prado verde);

Armas esculpidas na Fonte de Jorge



Armas esculpidas no Tanque do Sabor (S. Lazaro)

— o descrito por Pinho Leal no «Portugal Antigo e Moderno», vol. I, pag. 484, edição de 1873: — «... Tem por armas, um escudo «coroado e n'elle um castello de prata, em campo azul, sobre um «prado verde. Na Corographia Portugueza (tomo 2.º pag. 114) vem «assim o seu brazão: Escudo em palla, do lado direito, uma aguia parda, «com as azas estendidas, mettida entre duas meias luas e duas es«trellas, postas em aspa. Do lado esquerdo a esphera armilar e no «centro o escudo das quinas portuguezas. Segundo o «Livro d'Arma«ria» de Alcobaça, são: Em campo verde, um pato de prata, em pé, «dentro d'agua, e de angulo a angulo duas estrellas de oito raios e «dois crescentes com as pontas para baixo. Como as traz o Snr. I. de «V. Barboza (as que primeiro descrevi) são as mais usadas. —

Como V. Ex.ª verá, em Bragança não há escudo algum, em edificios ou monumentos, egual ou sequer parecido ao de Vilhena Barboza, que é semelhante, ao do monumento da Guerra Peninsular erecto na capital. Do descrito por Pinho Leal não aparece por aqui a mais leve suspeita. O da base do monumento de D. Pedro IV, do Rocio, é semelhante a alguns d'aquelles de que envio os desenhos. Não conheço, pois nunca o vi, o pintado na «Sala dos Municipios», da Camara de Lisboa. Como V. Ex.ª verificará, são todos, os dos nove desenhos inclusos, semelhantes. E' curioso, porem, o que é para notar, que não ha egualdade rigorosa entre dois deles! Fundamentalmente, os escudos são bipartidos, e n'elles se veem as quinas e um castello. Mas aparecem estrellas a ornamentar alguns, de numero variavel de uns para os outros e de numero diverso de pontas. A Camara de Bragança e uma Comissão a que presido, querem inaugurar no proximo mez de Agosto um Monumento aos Mortos da Guerra, e deseja mandar pôr um escudo da Cidade na base do tal monumento. Tambem a Camara pensa em adquirir um estandarte, por o actual estar bastante deteriorado. Por isso me dirigo a V. Ex.ª, como instancia ultima, prestigiosa e decisiva, para que faça o altissimo favor de dizer qual é o escudo de Bragança, suas cores e detalhes complementares. Dada a urgencia que temos, muito reconhecidamente agradecerá a V. Ex.ª uma resposta breve. Quaesquer despesas que V. Ex.ª faça serão pagas imediatamente. Rogo a V. Ex.ª o alto obsequio de me responder para Niza, de cuja comarca sou Juiz, para onde parto na proxima semana. Claro que muito contente ficará Bragança com que sejam publicados no «Elucidario Nobiliarchico» o parecer de V. Ex.ª e as competentes gravuras. De V. Ex.ª M.to Att.º V.or Obg.mo — Bragança 14-4-928 (a) *Raul Teixeira*.

Armas esculpidas na Igreja de Santa Clara

CODIGO
DE
POSTURAS MUNICIPAES
PARA A
CIDADE DE BRAGANÇA
E DO
CONCELHO

PORTO:
TYPOGRAPHIA DO BRAZ TIZANA
Largo da Sé n.º 2.
1864.

Frontespicio do Codigo de Posturas Municipaes de 1864

Depois recebi o seguinte oficio:

Camara Municipal de Bragança — N.º 277 — Bragança 23 de Junho de 1928 — Ex.mo Sr. Affonso de Dornellas. Lisboa. Perfilhando absolutamente a carta — consulta que a V. Ex.ª dirigiu o Sr. Dr. Raul Teixeira, em 14 de Abril deste ano, venho rogar a V. Ex.ª se digne

enviar a esta Camara, com a maior brevidade, os desenhos definitivos do escudo e estandarte municipal de Bragança, a-fim-de mandar fundir em bronze o escudo Brigantino que tem de ser colocado no Monumento dos Mortos da Guerra, a inaugurar no proximo mez de Agosto. Como V. Ex.ª vê, não há tempo a perder, pelo que peço desculpe a impertinencia — Desejo a V. Ex.ª Saude e Fraternidade. O Presidente da Comissão (a) *Manuel Miranda Branco.*

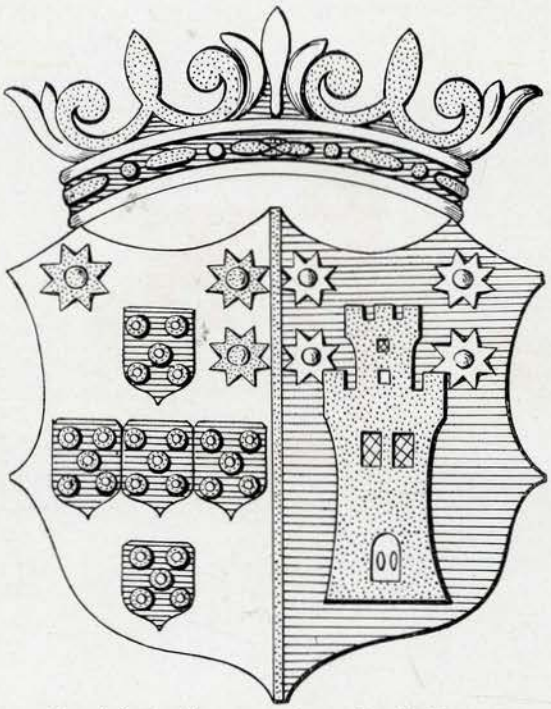
Apezar d'estas cartas me serem dirigidas pessoalmente, não quiz responder sem primeiro vir apresentar á Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes o que julgava sobre o assumpto.

Primeiro que formule propriamente o meu parecer, vou analizar a carta do sr. Dr. Raul Teixeira, na parte referente aos elementos e citações.

Os desenhos que o sr. Dr. Raul Teixeira me enviou são muito interessantes e mostram bem que não houve desejo dos seus auctores de copiarem uns dos outros, sendo certo que na occasião de esculpirem um, já conheciam os anteriores, manifestando-se o desejo que cada um teve de inventar uma nova arrumação principalmente para as estrellas. Estes escudos devem ser todos posteriores a D. João II pois teem as quinas pendentes.

Depois refere-se o sr. Dr. Raul Teixeira aos differentes auctores e a alguns sitios onde se encontram as Armas de Bragança em Lisboa.

Com insignificantes variantes lá se aproximam uns dos outros á excepção de Pinho Leal no seu tão consultado «Portugal Antigo e Moderno» que o sr. Dr. Raul Teixeira transcreveu.



Armas de Bragança tal como se encontram no Estandarte Municipal com indicação dos respectivos esmaltes

E' um erro muito curioso o que nos dá Pinho Leal, pois refere-se a uma das variantes das Armas de Bragança e em seguida cita a «Chorographia Portugueza» do Padre Carvalho da Costa, trascrevendo as Armas que veem descriptas a paginas 114 do Tomo 2.º e que são as de Aveiro, citando tambem como de Bragança as que no chamado Livro da Armaria de Alcobaça existente na Torre do Tombo, estão erradamente attribuidas a Aveiro e que esta cidade nunca uzou.

Emfim que Pinho Leal transcrevesse erradamente da Chorographia Portugueza as Armas de Aveiro por um erro de paginação, ainda vá, mas para reforçar esse erro ir ao «Livro de Armaria de Alcobaça» buscar tambem as Armas de Aveiro para aplicar a Bragança, é que não se comprehende. . Já é vontade de reforçar erros. O que é ainda mais curioso é que Pinho Leal para se dar ares de grande conhecedor do assumpto diz no fim do Capitulo das Armas de Bragança:

— Como as traz o sr. Sr. I. de V. Barbosa (as que primeiro descrevi) são as mais uzadas. —

Por este dito de Pinho Leal, parece que Bragança teria uzado alguma vez as Armas erradamente atribuidas a Aveiro. E' phantastico.

No mesmo Volume do «Portugal Antigo e Moderno», a paginas 264, Pinho Leal dá as mesmas Armas quando se refere a Aveiro e não sei se as repetirá para mais alguma Cidade ou Villa.

Vejamos agora outros elementos, que apezar de prometedores de grandes conhecimentos referentes á Heraldica de Bragança, nada adeantam sobre o assumpto.

A Camara Municipal de Lisboa, em 1855, pensou na organização d'uma obra em que fosse publicada a Heraldica de Dominio pelo que enviou uma circular a todas as Camaras do Paiz.

A obra não foi a effeito, mas no Archivo da mesma Camara existe o volumoso processo do assumpto.

Vou transcrever o que alli se encontra sobre as Armas de Bragança:

MUNICIPALIDADE DE BRAGANÇA—Il.mo e Ex.mo Snr.—Não dei logo resposta ao oficio de V. Ex.ª de 25 de Setembro ultimo, á cerca do Brazão das Armas de que usa esta Camara, e da sua respectiva história, por não saber se se poderiam colher n'alguma parte alguns esclarecimentos sobre o genuino brazão e sobre a sua historia: hoje porem que eu já tenho alguns dados a esse respeito, apresso-me a dizer a V. Ex.ª que em mui breve satisfarei ao seu pedido. Deus guarde a V. Ex.ª —Bragança 30 de Outubro de 1855 Ill.mo e Ex.mo Snr. Ayres de Sá Nogueira. Vereador da Ex.ma Camara Municipal de Lisboa. O Presidente—(a) *Miguel Carlos de Novaes e Sá.* —

MUNICIPALIDADE DE BRAGANÇA—Tenho a honra de enviar a V. Ex.ª as inclusas copias dos brazões d'armas desta Camara, encontrados em diferentes monumentos desta Cidade. Qual porem seja o genuino brazão, não sei dizer mas inclino-me a que se deve ter por genuino o que se acha no Estandarte da Camara. Tambem nada posso dizer á cerca da sua historia por que não se colheram esclarecimentos alguns a semelhante respeito.—Os desenhos que incluso remetto bem como a carta onde se historia a fundação de Bragança, e se diz o que se pode dizer á cerca das suas Armas, são obra do talento e estudo d'um curiozo artista e literato, o Ill.mo Snr. Paulo Candido Ferreira de Sousa e Castro, empregado do Governo Civil

deste districto.—Deus Guarde a V. Ex.ª—Bragança, 31 de Dezembro de 1855.—Ill.mo e Ex.mo Snr. Ayres de Sá Nogueira. Vereador da Ex.ma Camara Municipal de Lisboa. - O Presidente (a) *Miguel Carlos de Novaes.*

Ill.mo Snr.

Por alguma coisa que tenho lido no archivo da Camara de Bragança, no Cabido da mesma Cidade, no Elucidario de Santa Rosa de Viterbo, e outros escritores de antiguidade; abraçando as tradições apoiadas em documentos mais ou menos frisantes, e dando de mão a opiniões, aliaz respeitaveis, como a de Brandão, na sua Monarchia Luzitania, eis em resumo o que pude saber, e, tenho por mais certo sobre a origem e armas da Cidade de Bragança.—Não creio que a Cidade actual fosse a Juliobriga, ou Celiobriga citadas por Bluteau. Celiobriga, ou Zelobriga (Zoelas – Briga; Cidade dos Zoelas, ou protectora dos Zoelas Romanos) existiu junto ao rio Sabor e, segundo vestigios e conjecturas razoaveis, onde hoje se vê a capella antiquissima de S. Lazaro. A etimologia apontada (Zoelas Briga) alem d'outros fundamentos que pudera adduzir, é razoavel e muito sufiiciente; e por isso não dou peso á que Faria lhe attribue do seu fundador Brigo—esta seria melhor applicada a Bragança do que a Celiobriga.—Mais perto desta do que do Monte Tugia, chamado hoje serra de Nogueira, mas entre uma e outra, houve uma herdade, quinta ou logar (Villa em latim, que eu hoje traduzo por aldêa, ou pequena povoação) denominado Bemcrença, pertencente ao Mosteiro de Castro d'Avellãas, e que D. Sancho 1.º no anno de Christo 1185 houve em escambo pelas villas de Pinello e Santulhão, para alli fundar a Cidade, Villa e Termo de Bragança tomando o nome da herdade de Bemcrença. O Termo extendia-se a muitos julgados, que constituiam a terra de Bragança—a cidade compreendia os povos e lugares pertencentes á Camara—a villa encerrava-se na Cidadela e seus suburbios, é a estes que se chama hoje Bragança.—Não é pois para duvidar que a cidade abrangesse nesse tempo os restos da citada Celiobriga, e que se extendesse mesmo a algumas milhas em circunferencia da cidade actual; sem que por isso devamos crer que foi outr'ora mais populosa do que hoje a povoação principal, pois que, em resumo, Cidade no foral daquela epoca valia o mesmo que Concelho na linguagem do dia.—Embora alguma dessas freguezias ou lugares fosse os restos da Celiobriga: os documentos do seculo XII para o seculo XIII não falam da sua existencia; e de Bragança dizem —a quem antes chamavam Bemcrença. Concluo—Bragança foi fundação d'El-Rei D. Sancho 1.º pelos annos de Christo 1185—e sua denominação procede da herdade de Bemcrença, que devera ser an-

Bandeira e armas da Cidade de Bragança

tiquissima, e ter tido bastante consideração, pois que ainda alli se conserva uma casa mutilada (hoje Paços do Concelho) indubitavelmente de construcção romana e com todos os visos de casa publica; talvez do Senado.—O primeiro Duque de Bragança teve por Armas uma aspa vermelha em campo de prata, e sobre a aspa cinco escudos das quinas sem orladura dos castellos; e por timbre meio cavallo branco com trez lançadas no pescoço em sangue, bridado de ouro

Sello de Bragança segundo este parecer

com cabeçadas e redeas de vermelho: mas a casa dos Duques só começou em 1442, quando Bragança já devêra ter Armas, sendo o seu foral dado por D. Sancho 1.º em 1182 (1) era de Christo, que é 1220 de Cezar e a confirmação do mesmo foral por D. Affonso 3.º de 1253 de Christo, que é de Cezar 1291.—Aquelas Armas dos Duques, que assim as descreve Villas Boas na sua Nobiliarchia, não se encontram em nenhum monumento de Bragança—as que se vêem no segundo arco d'entrada para o Castello pela Casa de Bragança, são as que o citado Villas Boas diz terem sido mandadas tomar por El-Rei D. Manoel aos mesmos Duques, e de que estes só usaram até que Ei-Rei teve filhos; sendo, como as descreve o nobiliarchista, as proprias Armas Reais Portuguezas: notando-se contudo nestas, a que me refiro, a diferença de ser o escudo assente em cima da cruz florida dos Pereiras. (2)—Quanto á Cidade de Bragança concordam todas as nobiliarchias em que suas Armas são um Castello em campo branco; mas nem pelos documentos, nem pela tradicção eu pude obter o mais pequeno esclarecimento sobre a sua historia.—É certo contudo quasi todas as nossas terras fronteiras tiveram por principal razão uma ou mais torres e castellos, como que inculcando-se fortalezas contra as invasões estrangeiras. Bragança devêra em sua primitiva usar daquellas Armas: porem eu não encontrei nenhumas de tal padrão simplesmente; em todas noto a addição das quinas portuguezas, e algumas estrellas que variam em numero, figura e colocação: e sendo as quinas a parte principal, como dito fica, das Armas dos Duques, só posso inserir que estes as juntassem ás Armas da cidade; o que não podia ser senão depois que foram senhores della—e por conseguinte devem ser posteriores ao anno de 1442 todos os brazões que encontrei em diferentes monumentos da cidade e dos quais ofereço exactas copias para serem analisadas por quem tenha mais illustração.—Não busco só desculpa na obscuridade da materia, senão em a minha pouca licção de cousas antigas, o que aproveitarão.—De V. Ex.ª Amg.º Obgd.º e Att.º Ven.or—Bragança 8 de Dezembro de 1855.—(a) *Paulo Candido Ferreira de Sousa e Castro.*

(1) Esta data tem sido notada de erro, que se attribue ao copista do foral — e assim me parece tambem, e que elle deve ser posterior a 1185, porque só desde então a herdade de Bemcrença passou a ser Cidade de Bragança.

(2) Que estas Armas fossem as dos Duques é interencia minha, assim por estarem collocadas na entrada para a sua casa, como porque eguaes são as da Villa de Outeiro, aonde se estendia o senhorio dos mesmos Duques. Entretanto alguem quererá que ellas sejam as do Rei Mestre de Aviz e talvez tenha razão e que eu tome por Cruz dos Pereiras a que acaso será d'aquella Ordem Militar.

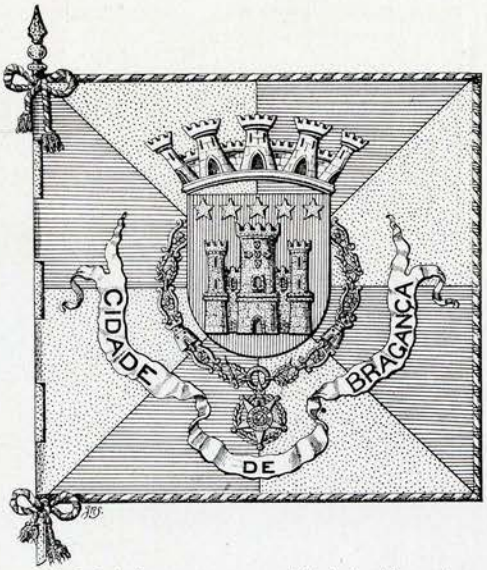
Com referencia aos Foraes de Bragança encontro varias referencias na «Memoria para servir de indice dos foraes das terras dos Reinos de Portugal e seus dominios» por Francisco Nunes Franklin. Lisboa, 1825, por onde se vê que nos seculos XII, XIII e XVI mereceu Bragança grandes atenções á Administração Geral do Paiz.

Vejamos as citações d'esses foraes:

— De Junho de 1187 registado a folhas 22 do n.º 3 do maço 12 dos «Foraes Antigos»; no Livro I da Doação do Rei D. Affonso III; folhas 1, verso, no Livro II de Doações do mesmo Rei a folhas 14; no Livro de Foraes Antigos de Leitura Nova folhas 66; e na Gaveta 15, maço 7. N.º 1 e no maço 9, n.º 36 da Torre do Tombo.

Este Foral foi confirmado em Guimarães em Abril de 1219 conforme se vê no maço 12, folhas 22, n.º 3 dos «Foraes Antigos» e no Livro de Foraes Antigos de Leitura Nova, folhas 66.

Teve o mesmo Foral outra confirmação em Guimarães a 4 de Julho de 1219, conforme se vê na gaveta 15, maço 7 n.º 10 e maço 9, n.º 36; no Livro 1 de Doações do Rei D. Affonso III a folhas 1 e no Livro II das Doações do mesmo Rei a folhas 14 onde tambem se encontra a confirmação dada em Chaves em Maio de 1253.



Bandeira de Bragança com as cores indicadas heraldicamente

— De Maio de 1253 dado em Chaves, maço 9 de Foraes Antigos, n.º 9.

— Da mesma data e dado tambem em Chaves, ás Aldeias do termo de Bragança registado a folhas 3 do Livro I de Doações do Rei D. Affonso III.

— De 11 de Novembro de 1514 dado em Lisboa, registado a folhas 43 do Livro de Foraes Novos de

Traz-os-Montes. As inquerições para este Foral foram feitas em 27 de Outubro de 1506 e encontram-se no Corpo Chronologico Pasta II, maço 11, Documento 15.º.

Teve concerteza a Cidade de Bragança de longa data, as suas Armas proprias apezar de nos monumentos locaes antigos, só nos apparecerem posteriores a D. João II conforme os esboços que o sr. Dr. Raul Teixeira teve a amabilidade de me enviar.

Vejamos agora o que dizem os mais antigos estudiosos da Heraldica de Dominio:

— «Poblacion General de España, sus trofeos, blasones», etc. por Rodrigo Mendes da Silva, Madrid, 1645. Tratando de Bragança a folhas 155 verso, diz: — en escudo blanco vn Castillo. —

— «Benedictina Lvzitana» por Fr. Leão de Santo Thomas. Coimbra, 1651. Sobre Bragança diz: — Em um escudo branco, hua torre, ou castello. —

— «Nobiliarchia Portugueza» de Antonio Villas Boas e Sampaio, acrescentada com as Armas das Cidades por Manuel Lopes Ferreira. Lisboa, 1727. Sobre Bragança diz exactamente o que diz a Benedictina Lusitana. Depois todos copiaram e a seu bello prazer modificaram as cores. Quando foi do Constitucionalismo, a maioria das Armas de Dominio passaram a ser em campo azul com qualquer peça importante branca.

A preocupação das cores politicas foi sempre uma arma de arrelia para os derrotados. Um dos exemplos interessantes é a Porca de Murça que pintam de outra cor, sempre que ha qualquer alteração politica de vulto em Portugal.

De tudo quanto fica exposto sobre a historia de Bragança e que é apenas o que encontrei referente á parte heraldica, tira-se o necessario para podermos ordenar umas Armas com aquellas peças de que se compuzeram na antiguidade.

Propomos portanto que sejam assim constituidas:

— *De vermelho com um Castello d'ouro aberto e illuminado de azul tendo a torre de menagem carregada das quinas antigas de Portugal. Em chefe cinco estrellas d'ouro alinhadas. Coroa mural de cinco torres de prata. Colar da Ordem Militar da Torre Espada. Bandeira quarteada de azul e amarelo com um metro por lado. Fita branca com letras pretas. Cordões e borlas de ouro e azul. Lança e haste de ouro.*

A historia de Bragança exige os esmaltes que propomos pois o vermelho do campo indica victorias, ardis e guerras; o ouro das estrellas e do Castello significa nobreza fidelidade e poder; o azul que indicamos para illuminar e abrir este Castello, significa lealdade.

Indicamos a cor azul e amarello para a bandeira por serem estes os esmaltes das peças principaes das armas.

MOURA

Parecer apresentado por Affonso de Dornellas á Secção de Heraldica da Associação dos Arquelogos Portugueses e aprovado em Sessão de 24 de Maio de 1928.

A antiquissima Villa de Moura teve o seu primeiro foral em Abril de 1151 confirmado em Coimbra em Novembro de 1217 registado a folhas 61 do Livro dos Foraes Antigos de Leitura Nova. Tambem teve foral dado pelo Rei D. Manuel I em 1 de Junho de 1512, registado no Livro dos Foraes Novos do Alemtejo, archivado na Torre do Tombo.

Teve portanto a Villa de Moura de longa data o seu sello, pois teria de authenticar os seus editaes. ¿ Como seria esse sello na antiguidade?

A Camara Municipal de Moura desejando conhecer o parecer da Associação dos Archeologos sobre a melhor representação da historia da sua Villa, por meio da Heraldica, dirigiu-lhe o seguinte officio:

Camara Municipal do Concelho de Moura — N.º 7 — Ao Ex.mo sr. Presidente da Associação dos Arqueologos Portugueses. Lisboa — A Camara Municipal de Moura, desejando fixar de uma forma definitiva e em relação com os dados historicos, o brasão d'armas dêste Municipio, tem a honra de solicitar o estudo deste importante problema á alta competencia e comprovada erudição da Ilustre Associação dos Arqueologos Portugueses de que V. Ex.ª é mui digno Presidente. — A Camara Municipal de Moura aproveita o ensejo para testemunhar a V. Ex.ª e a essa douta colectividade os sentimentos da sua mais elevada consideração e o seu grande reconhecimento pela fineza que acaba de solicitar. Saude e Fraternidade. — Moura, 12 de Janeiro de 1926. — O Presidente da Comissão Executiva (a) *Marcelino Fialho Gomes*. — . . .

Antes de me referir aos elementos antigos, vou transcrever um artigo publicado no *Jornal de Moura* n.º 231 de 28 de Fevereiro de 1926:

«ARMAS DE MOURA» — Ao Ex.mo Sr. Affonso de Dornellas — Em um dos numeros do «Jornal de Moura», o N.º 225, vi que era intenção da vereação que agora está á testa dos destinos concelhios, fazer estudar o brasão d'armas da mui nobre vila de Moura — Arreigados como, felizmente, estão em mim as tradições do passado, julguei que elas iam mais uma vez ser menos presadas, e assim que o que a Camara de Moura tinha em vista era uma nova composição do seu brasão d'armas, direi mesmo do seu lindo brazão d'armas. — Enganei-me em meu juizo, fui injusto para com os membros da referida Camara, como tive ensejo de ver por conversa com o presidente da Comissão Executiva que me declarou ser apenas desejo seu ao fazer a proposta para que fosse estudado o brazão e ficar definitivamente assente qual das suas variantes deve ser a adoptada. — Temos como poucos dedicado as horas disponiveis ao estudo da historia de Moura temos respigado aqui e ali elementos para uma Monografia sobre Moura e seu concelho, mais completa do que ha tempos publicamos no «Seculo», temo-nos dedicado ao estudo da armaria portuguesa; e, com todos estes elementos achamos que as armas de Moura devem ser as seguintes: em campo verde, um contra chefe de relva, sobre ele torre de prata e ao pé da torre uma mulher morta, vestida ao uso arabe — assim as acho descriptas e brazonadas, na monumental obra do meu avô, o general, lente da escola de guerra, João de Villanova de Vasconcelos Correa de Barros, Armorial Portuguez, 6 vol., em 4.º

—Querendo encimar as armas por coroa, acho que esta deve ser a corôa vallar, ou de vallaria, uma das 12 corôas, que os romanos usavam; e, que ao caso de conquista de Moura mais se coaduna, porquanto esta é a corôa, para quando se forçavam intrincheiramentos, como a Mural para quando se montava a brexa, e, os Rolins mais forçavam ntrincheiramento, do que forçavam brexa. — Não perfilhamos a opinião d'aqueles, e bem poucos são, que descrevem as armas de Moura, sem indicar côres ou esmaltes, pondo a figura da mulher pendurada da janela, como dizem, com umas chaves na mão, porque o Castelo de Moura foi tomado, depois de Saluquia se matar; e, se de facto Saluquia atirou ou entregou as chaves aos nossos, cahindo

Sello de Moura segundo este parecer

no logro, ou ardil, ela já não as tinha em suas mãos ao precipitar-se da torre.—Mas, se por qualquer circunstancia, que eu aliaz desconheço ha que atender em heraldica ao art 3.º seu n.º 3, da Constituição da Republica, e, se é representando o reconhecimento da autonomia, que os escudos das povoações do paiz devem encimar, então, melhor ficarão encimadas com o barrete frigio, que em armaria se emprega como emblema da liberdade, do que por qualquer corôa, seja ella, triunfal, civica, obsidional, veneral, vallar, rustral, de raios, etc. —O escudo de armas de Moura bem bonito é, e bem traduz o facto que o originou, o que certamente teriam sempre em vista os Reis ao concederem os brazões, e os Reis d'armas ao comporem-nos. — Os Anaes de Moura, por José da Silva e Matta dizem «tem a notavel villa de Moura, por brazão d'Armas um Castelo, (Manoel Severim de Faria, Noticias de Portugal, pag. 99) ou uma torre e junto uma figura de mulher (corog. de Portugal tomo 1.º pag. 478) com umas chaves da mão, aludindo a tomada do Castelo a Saluquia. – O caderno 115, da Biblioteca da Universidade de Coimbra, Historia da villa de Moura, por Luiz d'Almeida Cabral e Descripção da mesma e da de Serpa por Fr. Diogo Vaz Paschoal diz: de este sucesso tomaram os ganhadores o nome de Moura, deixando o de Gusmãm que antes usavam, e a mesma vila tomou por armas uma mulher com chaves na mão lançando-se de uma janela. — O Panorama n.º 140 relativo a 1840, diz: d'aqui vem ter a vila por armas uma mulher ao pé de uma torre, em alusão á morte de Saluquia. - Pinho Leal, diz: tem por armas uma torre tendo á entrada uma mulher morta. — Mas nenhum d'estes escriptores indica côres, nem esmaltes ou metros. — Acho, pois, que as armas devem ser as que indico no principio d'este artigo, que serve tambem como num parecer, como membro da secção de heraldica da Associação dos Arqueologos Portuguezes, do que me honro de ser socio, o mais humilde, certamente—Moura—1926, Monte Branco de Santa Catharina.—(a) *Villamor de Vasconcellos.*

Acho tambem da maior vantagem não complicar o caso representando nas Armas de Moura uma mulher cahindo ou atirando se da torre com umas chaves na mão. Isso já seria um quadro ou painel. Aproximemos o mais possivel as Armas de Moura das regras da Heraldica.

Agradecendo ao sr. Villamor de Vasconcellos o terme dirigido este artigo, peço-lhe me permitta que lhe diga que não concordo plenamente com os esmaltes que propõe para as Armas de Moura e que discordo por completo da colocação do barrete frigio sobre umas Armas de Municipio.

Um barrete é para pôr na cabeça, portanto poderia servir para Armas de Famillia.

Para Armas de Dominio é que não.

Para encimar as Armas de Dominio nunca poderei aconselhar senão a corôa mural que é a destinada a indicar pelo seu numero de torres a cathegoria da povoação cujas Armas arremata. Para as Villas as corôas muraes teem quatro torres.

A noticia mais antiga que conheço sobre as Armas de Moura é a publicada na obra de Rodrigues Mendes da Silva, «Población General de España sus trofeos, blasones, etc., Madrid, 1645, que diz o seguinte:

... Cuentam otros que dos sarracenos Regulos destes côtornos traian guerras sobre juridiciones, y viniendo a batalha, cogió el vencedor la mujer del vencido, que por hermosa quiso gozar; pero aunque barbara, estimando el decoro, mas que sus caricias, se huijó a este sitio; y hallandolo arruinado, lo poblo, de quien resultó el nombre. Mas cierto es se originó quando la conquistaran de Arabes don Alvaro y D. Pedro Rodriguez, progenitores de la familia Moura, con orden de D. Alonso Enriquez, Rey Lusitano, año 1166 siendo Alcaydesa Saluquia, hija de Boacon, Principe en Alentejo. Del qual sucesso tomó la villa por Armas esta Mora al pie de una torre.—

Bandeira de Moura com as cores indicadas heraldicamente

Apezar de serem muito interessantes as lendas que se contam parece-me que a descrição acima é a mais certa e parece-me isto porque os conquistadores d'esta fortaleza tomaram o nome «Moura», por terem tomado uma praça com este nome. Depois diz Rodrigo Mendes da Silva que as Armas consistiam n'uma torre com uma Moura ao pé. Não diz que esteja morta.

Estou convencido de que as Armas de Moura consistiam na antiguidade n'uma torre tendo ao pé da porta uma Moura de pé com umas chaves na mão, para indicar que era a Senhora da Torre.

¿ Quem sabe se a lenda da tomada d'esta praça não seria por engano usurpada áquella outra povoação da Beira Alta que ainda hoje se chama «Moura Morta», do Concelho da Comarca de Castro Daire, ou da outra povoação tambem chamada «Moura Morta» da Comarca e Concelho de Peso da Regua ?

Respeitaremos portanto o que está consagrado como constituindo as Armas da Villa de Moura, cabendo-me apenas aconselhar a escolha dos esmaltes:

— *De prata, com uma torre torreada de negro, aberta e illuminada de ouro sobre um terrado de verde. A' porta da torre uma mulher morta vestida de prata. Coroa de quatro torres de prata. Bandeira esquartelada de negro e amarello. Fita branca com letras pretas.* —

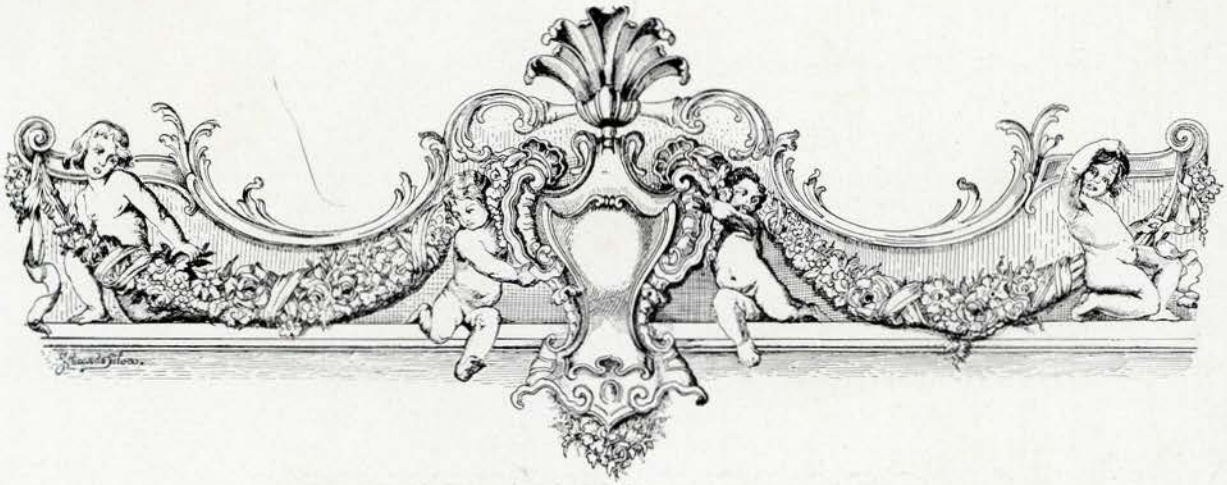
Bandeira e armas da Villa de Moura

Emfim, não somos nós que vamos dizer á Villa de Moura que deixe de uzar nas suas Armas a representação da celebre lenda que faz vibrar de emoção os seus habitantes, quando recordam a heroica morte da moura Saluquia.

Cabe n'esta altura o referir-me á admiravel descripção da lenda arabe «A Moura Saluquia». Lisboa, 1924, que teve a gentileza de me offerecer um exemplar, o seu auctor sr. Victor Mendes.

Indico o negro para a torre, porque em heraldica significa firmeza e honestidade, e o ouro para o illuminado e aberto das torres, por significar fé e poder. Indico a prata para o campo das armas e para o vestido da moura, por significar riqueza e humildade.

A bandeira deve ter um metro por lado. Os cordões e borlas devem ser de ouro e de negro e a lança e a haste de ouro.



As trovas heráldicas na literatura Portuguesa

Quando no ano de 1920, o poeta Camilo Pessanha, precioso esoterico, nefelibata, naquela sua linguagem brumosa e enjoiada, abria o volume da sua obra Clepsydra, *fazia-o com o formoso sonêto que se transcreve:*

«Tatuagens complicadas do meu peito:
— Trophéos, emblemas, dois leões aládos...
Mais, entre corações engrinaldados,
Um enorme, soberbo, amor perfeito...

E o meu brazão... Tem de oiro n'um quartel
Vermelho, um lys; tem no outro uma donzella,
Em campo azul, de prata o corpo, aquella
Que é no meu braço como que um broquel.

Timbre: rompante, a megalomania...
Divisa: um ai, — que insiste noite e dia
Lembrando ruinas, sepulturas rasas...

Entre castelos serpes batalhantes,
E aguias de negro, desfraldando as azas,
Que realça de oiro um colar de besantes!» (1)

Atravez dum prisma de requintadas reverberações de extravagancia e de exotismo, o poeta compoz para si um brazão simbolo, aquilo a que já em 1451, Sicilia, arauto do rei de Aragão, na sua ingenua, deliciosa obra «Le Blason des Couleurs» *chamava* brazão moral, *retrato psicologico. Vibra neste sonêto a corda orgulhosa, cavalheiresca, ancestral de quem lhe girava nas veias o sangue medieval e barbaro dos antigos Almirantes do mar oceano — de prata, com uma banda endentada de vermelho, e nela trez flores de liz do primeiro —; recorria o poeta á inspiração dessa arte ornamental e guerreira da meia edade, filha querida do gótico, das cruzadas, e da Terra Santa — a Sciencia Heroica, a arte da Armaria.*

(1) Camilo Pessanha — *Clepsydra* — *Ed. Lusitania — Lisboa — 1920.*

Tambem o fidalgo poeta, cuja obra vale por um brazão inteiro, scintilante de reverberações argenteas e douradas, e coruscante de luciolantes esmaltes de golas, e purpura, e sinople, em cuja obra a heraldica palpita latente, inspiradora, o poeta a quem tão bem se apropriaria o distico de Alfredo de Vigny:

«J'ai mis sur le cimier doré du gentilhomme
Une plume de fer qui n'est pas sans beauté»,

tambem o poeta raro do Oaristos, do Elmo, e da Epifania dos Licornes prestou a sua lira á armaria, para reciprocamente da armaria tirar a nota que lhe comprazia:

«Encontro a inerte sobre uma poltrona antiga,
Cujo espaldar exibe um rutilo brazão:
Fulgindo em campo azul, áureo e rompente leão,
Capacete de prata, aberto, e derredor
Farto paquife de ouro e de cerulea côr.» (1)

Não era novidade comtudo esta fonte de inspiração. Sentindo tudo quanto de nobre e altisonante encerrava em si esta hieróglifica e formosa escrita, desde muito que poetas vinham haurindo na sua contemplação a inspiração de imagens belicosas, a nota heroica que buscavam, o toque fanfarronante, que era preciso ferir, ou haviam prestado a sua lira a descrever os seus emblemas, a compor o misterio das suas divisas, ou cantar os primores da sua arte quimérica, e robusta.

Não desdenhára o Épico prestar seu estro a cantar os sinais da Patria amada — Christo, e o seu lábaro, a cruz da redempção e da reconquista:

«Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que Êle para si na Cruz tomou» (2)

(1) *Eugenio de Castro — Oaristos — VI*
(2) *Luis de Camões, Os Lusiadas, canto I, est. 7.*

Ou, interpretando as armas nacionais de diferente maneira, cantando ainda:

«Aqui pinta no branco escudo ufano,
que agora esta vitória certifica,
Cinco escudos azuis esclarecidos,
Em sinal destes cinco Reis vencidos.

«E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros por que Deus fôra vendido,
Escrevendo a memoria em varia tinta,
Daquele de quem foi favorecido.
Em cada um dos cinco, cinco pinta,
Porque assim fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azuis que em cruz pintando veio.» (1)

E que o fizesse, não era para admirar, já que os mestres e modelos, como Ésquilo, nos Sete Chefes deante de Tebas, Virgilio, na Eneida, e Lucano, na Pharsalia, haviam representado tambem nas suas estrofes os emblemas dos herois que celebravam:

Τοιαῦτ ἀὐτῶν, τρεῖς κατασκίους λόφους
Σείει κράνους χαίτωμ' ὑπ' ἀσπίδος δὲ τῷ
Καλκηλατοι κλάζουσι κώδωνες φόβον.
Ἔκει δ' ὑπέρφρον σῆμ' ἐπ' ἀσπίδος τόδε
Φλέγον' ὑπ' ἄστροις οὐρανὸν τετυγμένον·
Λαμπρὰ δὲ πανσέληνος ἐν μέσῳ σάκει,
Πρέσβιστον ἄστρων, νυκτός ὀφθαλμός, πρέπει.

ou:

«Pugnaces pictis cohibebant Ligones armis»;

(Phars. Lib. I).

ou ainda;

«Satus Hercule pulchro
Pulcher Aventinus, clypeoque insigne paternum
Centum angues, cinctam que gerit serpentibus hydram».

(Eneid. VII).

Trilhando o mesmo caminho do Epico, Christovão Alão de Moraes, o célebre desembargador poligrafo, genealogista do Minho e Traz-os-Montes, e heraldista distincto, dera maiores largas á mesma inspiração, e cantára as quinas sagradas em quatorze cantos, de mais de oitenta oitavas cada uma, obra que se não deu á prensa, mas cuja memoria resta lembrada por alguns bibliografos, comquanto Barbosa Machado não a nomei (1).

Já em Espanha, o arguto e anão licenceado Bartolomeu Sagrario de Molina havia impresso em 1550 a sua «Descripcion del Reyno de Galicia y de las cosas notables del con las armas y Blasones de los Linajes de Galicia de donde proceden señaladas casas en Castila, Dirigido al muy Illustre Senor Marichal de Navarra», onde, na primeira parte da obra, descreve em verso as linhagens e os brazões das familias nobres galegas; D. Luiz Zapata, Senhor de Polopos e de Buñol, na sua obra «Carlos Famoso», dedicada á Majestade Filipe II, impresso em Valencia em 1566 com privilegio real, cantára alguns brazões de familias nobres de Castela, como, por exemplo, os Manueis:

«Manueles el escudo quartelado
E dos braços corralas con espadas
Estan en cada quarto colorado
Las alas de amirilio mui pintadas
E encada quarto branco hun leon morado
Outor destas familias mui honradas
Fue D. Manuel Infante atrás tomando
Un hijo de El Rey Santo D. Fernando»;

e o insigne Lopo da Vega, na sua Arcadia (Liv. III), referira-se aos Castros, de D. Fernando de Castro,

«A un que en campo blánco van
essos azulles ruelles
en los escudos fideles
tenidos en sangre estan.
Por mi patria rey y ley
Castro inexpugnable fuy
Reys a my casa di
neto y cunhado de Rey».

E' que andavam em tanta estima, desde os ensaios literarios medievais, as coplas nobiliarquicas, que até se inscreviam no granito de antigos monumentos, como aquela muito citada, dum tumulo no mosteiro de Matallan, junto a Menezes:

«Preguntais poi el blason
De los dorados pavezes?
Hijos de la hija son
De Ordoño Rei de Leon
Y de Tello de Menezes» (1);

sendo tambem digno de menção a inscrição que existia em 1554 numa hombreira de porta, no Paço de Vascões, solar dos Caldas, e que rezava:

«Estes antigos brazões
Do que dêles entendemos
São Limas Mellos Leões
E reais Sousas e Lemos»; (2)

e notava até o nosso heraldista, Antonio Soares de Albergaria, que «son de mucha autoridad en derecho las coplas de los poetas, como notam los doctores in L. tantum, Dig. *de* rerum divisione».

Em verdade, não é de estranhar que o ultimo resto da ornamentação guerreira, fosse registado e celebrado pela expressão poética, a forma por excelencia reservada aos cantos de guerra, e ás narrações de feitos heroicos. A poesia épica é a primeira de todas na ordem cronologica da civilisação, não será portanto admiração que um dos primeiros tratados de heraldica que apareceem na literatura cavalheiresca — o Boke of St. Albans — impresso em 1486, seja redigido em metro pela sua autora, a ingleza Dame Juliana Berners, com versos como os seguintes:

«Four manner of beastys of venery the are
The first of them the hert, the second the hare
The boar is one of them, the wolf and not one moe»

e que um poeta francez dissêsse do unicornio:

«Cette merveilleuse beste
Qui une corne a en la teste
Senefie nostre seigneur,
Jesu Christ nostre sauveur
C'est l'unicorne spirituel,
Qui entre la Vierge prist ostel.»

---

(1) *Ibid. Ibid. canto III, est. 53.*

(2) *Referem-se ainda, e tambem em verso, ás armas nacionaes os seguintes autores: Vasco Mousinho de Quevedo,* Afonso Africano, *canto I, est. 3; Francisco Rodrigues Lobo,* O Condestabre, *canto XIV; Jeronimo Corte Real,* Naufragio de Sepulveda, *canto XIII; em espanhol: Francisco Botelho de Vasconcellos,* El Afonso, *liv. I, est. 69 e sgs., em latim: Padre Manuel Pimenta (S. J.)* in Epigrammatum Regum Portugalliae, apud Antonio Vasconcellos, Anacephal, Reg. Lusit. etc.

(1) *Antonio Soares d'Albergaria. Triunfos da Nobresa Lusitana.*

(2) Resenha Genealogica do Terceiro Conde de Rilvas — *Berlim, W. Moeser, pag. 17.*

Tambem o divino Dante, na primeira parte da sua Divina Comedia, *se havia referido aos brazões dos Gianfigliazzi, dos Ubbriachi, dos Scrovigni, e dos Bujamonti, quando refere ter visto*

«in una borsa gialla vidi azzurro,
Che di lione avea faccia e contegno
.....
.....
Vidine un altra, piu che sangue rossa,
Mostrare un'oca bianca, piu che burro.

Ed un che d'una scrofa azzurra e grossa
Segnato avea lo suo sachetto bianco».

(L'Inferno, cant. XXVII)

As descrições de batalhas estão recheadas de alusões heraldicos, e bem assim as descrições rimadas dos torneios, como é a célebre obra do troveiro Jacques de Brétex, descrevendo em 1285 as justas que tiveram logar em Chauvency le Chateau, organisadas por Luis de Looz, Conde de Chini (1).

Tudo isto não foi contudo apenas senão o ferimento de uma nota vibrante na lira dos poetas. Outros houve que consagraram o seu estro, uma vez pelo menos, inteiramente, á arte heroica da Armaria. Foram os que compuzeram armoriais em verso, onde o brilho dos esmaltes e o reverbero dos metais tentaram substitur, pelo luzimento das palavras, a consonancia da rima, e a cadencia do metro.

No ano de 1300, Eduardo I, Plantageneta, rei d'Inglaterra, na sua campanha de conquista da Galles e da Escocia, foi pôr cerco ao castello de Caerlavrock, que apoz prolongado sitio acabou por se render. Alguem, que pormenorisadamente conheceu o episodio, possivelmente algum arauto ou oficial de armas da casa do regio sitiante, cuja identidade todavia se ignora, alem de escrever em verso, na lingua franco—normanda, a lingua culta e palaciana na Inglaterra de então, toda a relação da campanha, compoz ainda, em verso tambem, um rol das armas dos fidalgos que nela tomaram parte, deserevendo-as com muita habilidade em poucas e concisas palavras.

Apesar de sómente séculos mais tarde, em 1828, por Sir Nicholas Harris Nicolas, ter sido este rol dado á estampa, logo ao ser escrito, pelos meios de divulgação de então, ele foi divulgado, muito apreciado, e tornou-se leitura predilecta nos longos serões dos poderosos barões inglezes (2).

Não é facil averiguar se a sua expansão chegaria até a peninsula iberica, mas impossivel nem improvavel não o é: conhecido é o grande intercambio que entre a peninsula hispanica e as ilhas britanicas se havia estabelecido por aquele final da meia edade, não só por via das estreitas relações comerciais que se mantinham, mas tambem pelos casamentos principescos, que tudo atingiu a sua culminancia com os matrimonios das duas Lencastres, respectivamente com o rei D. João I de Portugal, e D. Henrique de Castela, principe das Asturias.

O certo é que a ideologia deste Roll of Caerlavrock *tem afinidades com umas celebres coplas heraldico-genealogicas atribuidas a Mosen (Jaime ou André) Febrer, um vago autor catalão do seculo XIII, tradutor do Dante, e que tratou em verso das linhagens que assistiram á conquista de Valencia, realizada de 1232 a 1238 pelo rei d'Aragão D. Jaime I, mas que, por Miguel Sanchez na sua* Collecion, *são atribuidas a autor posterior(do fim do século XIV ou principios do XV), se não são completamente apócrifas como querem os modernos bibliografos valencianos, com Fr. Bartolome Ribelles á frente* (1).

Não é possivel tambem dizer se certo rei de armas dos reis católicos, Fernando e Izabel, de seu apelido Pedro de Gratia Dei, *tio de um não menos celebre nobiliarquista, Antonio de Barahona, que escreveu aquele livro com o lindo, poetico titulo de* Rosal de Nobleza, *por certo muito versado, como lhe competia ser, na literatura e teoria da cavalaria, no* de Insignis et Armis *do insigne jurisconsulto Bartolo, na* Arbre des Batailles *de Honoré Bonnet, nas historias do rei Artur, Galaaz, Tristão e Iseu, e em toda a literatura cavaleiresca, pois com a sua sapiencia compoz um tratado de armaria que ofereceu ao Princepe Perfeito, teria ou não conhecimento desta obra; o certo é que ou inspirado por ela, ou porventura por outras obras semelhantes, ou por intuição propria, compoz um livro onde, em quintilhas, descreve copioso numero de brazões de armas de familias nobres das Espanhas, castelhanas principalmente, com algumas aragonesas e algumas postuguesas castelhanisadas ou comuns ás duas nações de mistura, e que intitulou, ao que parece, «Blasones de las Armas y Insignias de los mejores y mas Principales linajes de Castilla, declarando sus principios fechos por Gratia Dei»* (2). *Nunca se chegou a imprimir esta obra do rei d'armas espanhol, mas por certo que não deixaram de circular imediatamente numerosas copias de mão, e de logo cá de Portugal se fazer a sua importacão. Efectivamente achava-se plenamente lisonjeado o gosto literario da epoca; era uma eflorescencia punjante duma escola futil e cultista ao mesmo tempo, cortezã, pragmatica, elaboradora e preocupada com distincções nobiliarchicas, e que estava fazendo do brazão, simples distintivo ornamental da edade média, uma teoria organica e uma sciencia complicada. E' uma produção absolutamente lógica duma época literaria, e principalmente duma escola poetica que havia de ser chamada na literatura pela sua principal caracteristica: a* poesia palaciana *da escola espanhola.*

Escola espanhola a denominámos nós pela influencia preponderante que o lirismo castelhano, de que era chefe Juan de Mena, exerceu na literatura nacional, mercê das estreitas relações que se estabeleceram entre os dois paizes, e de ter sido a Espanha canalizadora para Portugal do renascimento italianos: pasmava-se ante uma cantiga do Marquez de Santillana; era tudo o imitar as coplas Jorge Manrique.

De tal andaço não se devia de ter livrado João Rodrigues de Sá, essa linda figura do quinhentismo portuguez: magnifico e grande senhor, soldado aguerrido, escritor erudito, diplomata, pação, poeta, scientista, poligrafo emfim para dizer muito numa só palavra. Sendo um dos principais fidalgos de Portugal, ocupando brilhante logar na côrte portuguesa, e grande donatario da coroa, depois de ter dado provas da sua coragem nas expedições de Arzila e Azamor, trocou Marte por Minerva e entregou-se á cultura humanistica e á pratica das letras privando com os mais altos espiritos do seu tempo. Por trez vezes exerceu o cargo de embaixador, sendo a primeira em 1515 quando El-Rei D. Manuel o enviou á corte castelhana-aragoneza informar-se oficialmente da precária saude de seu sogro D. Fernando, o rei católico. Espirito vivissimo e ávido de tudo quanto fosse cultura, é provavel que pelo menos nessa ocasião João Rodrigues de Sá, se não já anteriormente quando em 1498 teria acompanhado D. Manuel a Castela, tivesse travado conhecimento com as quintilhas do rei d'armas castelhano Gratia Dei, tanto mais que era curioso e não

---

(1) *Foi este poema publicado em 1835 por H. Delmotte—Cfr.* Hist. litt. de la France, *tom. XXIII, pg. 479-483, art. de Victor le Cerc; e* Romania, *1881, pg. 593.*

(2) *Cfr.* The siege of Carlaverock... *by Nicholas Harris Nicholas, Esq.; London MDCCCXXVIII. Ao ilustre lusófilo, Ex.mo Snr. Aubrey Bell, agradeço as informações que me conseguiu sobre esta obra.*

(1) *Cfr.* Trobes de Mosen Jaume Febrer, caballer, en que trata dels llinatges de la conquista de la cintat de Valencia é son règne—*Valencia, MDCCXVI; P.e Fr. Bartalomé Ribelles, Observaciones historico criticas, Valencia MDCCCIV; Miguel Sanchez, na sua* Collecion, *passim; Manuel de Moncolini,* El seudo Febrer, um caso de falsificacion literaria.

(2) *Cfr. Nicolao Antonio,* Bibliotheca Hispana, *II, 158; dele diz Argote de Molina na sua* Nobleza de la Andalucia: *«escrivó en redondillas de muchos linajes; que en algunas acertó, en las mas se vió lo poco que sabia».*

mesquinho nobiliarquista, tendo elaborado umas doutas anotações ao Nobiliario do Conde D. Pedro.

O certo é com a continua lição de tão famosos corifeus da poesia como os que ele praticava se lhe infundiu, diz Barbosa Machado, a inclinação para praticar os preceitos desta divina arte, saindo de tudo isto, em versos «mais estimaveis pela profundidade dos conceitos do que pela elegancia das vozes», alem de varias réplicas epigramáticas arquivadas no Cancioneiro Geral, as suas trovas «decrarando alguns escudos darmas dalguas lynhagees de Portugall, que sabya donde vynham».

João Rodrigues de Sá havia assim dotado Portugal com uma réplica do Roll of Caerlavrock com que os inglezes se enfeitavam, e das trovas de Gratia Dei com que os hespanhoes se lambiam. Na arte heraldica já nós estavamos ao par dos seus melhores cultores graças aos reis d'armas Arieta, Antonio Rodrigues, e ao arauto Martim Vaz; na literatura ficámos a par tambem pela mão do senhor de Matosinhos. Tinha-se nacionalisado mais um género poetico dos muitos géneros que a nossa renascença importou.

Quem conhecer a época e o espirito palaciano da nobresa d'então, preocupada constantemente, desde o livro velho das linhagens, com a série dos seus avoengos, o lustre da sua casa, o grau da sua fidalguia, poderá avaliar o interesse que deveriam ter causado as trovas de João Rodrigues de Sá.

Sá de Miranda escrevia-lhe a proposito das suas producções poeticas:

«As letras que não achastes
Vós as metestes na terra
A' nobreza as ajuntastes
Com quem dantes tinham guerra.»

O Dr. Antonio Ferreira, na sexta das suas epistolas chamou-lhe

«Antigo Pai das musas desta terra»,

e Henrique da Motta, no mesmo Cancioneiro, onde as célebres coplas ficaram arquivadas, lhe dizia

«Senhor a quem Febo deu
Lingua Virgiliana
De que corre, de que mana
quanta fama ouço eu.
E alem deste primor
O muy alto Deus de amor
Triunfante
Vos fez um gentil galante
De damas grão servidor
De nobreza e fidalguia
Escuso eu de falar
Pois vosso claro solar
Como sol resplandecia
E das artes liberais
E virtudes cardiais
Não vos gabo
Porque nisto não tem cabo
A grão fama que lá dais».

Passaram as coplas a ser citadas em todos os nobiliarios. Gabaram-nas Gonçalo Argote de Molina na sua celebre obra Noblesa de la Andalucia *(Sevilha—1588), e posteriormente D. Antonio Soares de Alarcão nas suas* Relaciones Genealogicas de la Casa de los Marquezes de Trocifal *(Madrid-1656), D. Antonio Caetano de Sousa, no Apparato à sua* Historia Genealogica da Casa Real, *O P.e Bonucci, na sua* Istoria di D. Affonso Henriques, *e o grande mestre heraldista o P.e Ménéstrier, na sua obra* l'Art du Blazon, *pag. 74.*

Mas o trabalho de pôr em metro as armas e linhagens nobres de Portugal, não ficára obra completa nem o assumpto se achava exgotado. O proprio autor confessava que

«Linhages de grande preço
outras tão boas e taes
fycão, por nom saber mays,
mas quem seguyr meu começo,
se as souber diraa quaaes.
Dalguas que nesta ydade
em valya, & em bondade
são vistas pervalecer,
cõ rezão se deve crer
que tal foy antyguydade.»

Não se fez esperar quem se propusesse continuar a obra encetada pelo erudito fidalgo.

Foi esse D. João Ribeiro Gayo, bispo de Malaca e presidente das Justiças de Goa, de 1581 a 1601, compondo a sua obra «Templo da Honra de Portugal», *que assim se parece ter intitulado uma colecção de* Coplas ás armas da Nobreza de Portugal, *citadas por Barbosa Machado na sua Bibliotheca Lusitana. Imitando propositadamente as coplas de João Rodrigues de Sá, como que pretendendo completar, suprir as lacunas do ensaio poético do Senhor de Matosinhos, D. João Ribeiro empregou o mesmo metro, a mesma forma, o edentico desenvolvimento da ideia, o mesmo processo emfim que João Rodrigues de Sá e Menezes, como este já imitára por sua vez o rei d'armas Gratia Dei.*

Apenas diferiu em empregar geralmente uma copla sómente para cada brazão, emquanto Sá e Menezes empregou duas. Tambem ideologicamente o Bispo de Malaca foi mais genealogista que heraldista preocupando-se mais nos seus versos com a génese da familia do que com as suas insignias nobiliarquicas, contudo não chegou a ponto de traçar uma linha divisoria.

Talqualmente aconteceu ás coplas de Gratia Dei tambem estas não chegaram a entrar nos prélos; as copias de mão encarregaram-se porem de alcançar uma pequena vulgarisação para obra do prelado ultramarino; cita-o Bezerra, nos Estrangeiros no Lima, e alguns poucos genealogistas que transcrevem uma ou outra copla; rarissimas são todavia as copias apontadas pelos bibliografos, cita-se apenas um exemplar que pertenceu a Caetano de Sousa.

Mas nem por aqui ficou o assumpto concluso nem o tema exgotado. Ainda restavam nobres familias portuguesas a quem as musas não haviam prestado homenagem.

Com efeito o Senhor de Matosinhos havia-se preocupado quasi apenas com as familias cujos chefes ou membros brilhavam na corte luzida do faustuoso e literario senhor da Conquista e Comercio da Etiopia, Arabia, Persia e India... ou cujos membros brilhavam nas letras daquela côrte onde a correspondencia se fazia em verso, as controversias galantes em rima, e chovia o epigrama: assim temos — o Duque *(de Bragança)*—o Mestre *(de Sant'Iago, o Senhor D. Jorge, o real bastardo)*—o Marquez *(de Villa Real, os meio arabisados governadores da nossa primeira conquista africana)*—Coutinhos, *Condes de Marialva,*—Castros, *Condes de Monsanto; ou então* Silveiras, *com viso a Jorge da Silveira, um dos celebres contendedores do torneio poetico entre* cuidar *e* suspirar; Andrades, *para o Pero de Andrade Caminha;* Goyos, *para o poeta Manuel de Goyos;* Menezes, *o fecundo D. João de Menezes;* Valentes, *para Afonso Valente, o que fez a trova á toza que deu um tiple a um tenor; não esquecendo* Rezendes, *com sobescrito para o Garcia...*

Tambem, o letrado prelado de Malaca havia-se preocupado principalmente com as linhagens da Beira, sua provincia natal, e da provincia sua vizinha, o Entre-Tejo-e-Odiana, côrte prediléta daqueles ultimos reis da dinastia de Aviz.

Faltavam os solares e torres do Entre Douro-e-Minho, e da brava terra de Traz-os-Montes: o melhor sangue de Portugal, as mais antigas linhagens, o sangue godo legitimo e autentico. Foi

o minhoto capitão-mor de Santa Cruz de Riba Tamega quem na segunda metade do seculo seguinte veio reparar a omissão, preencher a lacuna, remir o esquecimento, e exalsar devidamente as casas nobres da sua ridente e nobilissima provincia. Chamava-se Manuel de Souza da Silva, e chamaram-lhe o «principe dos genealogistas do Minho», e fe-lo escrevendo na mesma rima e metro dos seus predecessores os «Solares da Geração de Entre Douro e Minho descobertas e feitas em endeixas e quintilhas...»

Tinham finalmente as musas dado completa reverencia às linhagens nobres de Portugal, prestado a sua homenagem ás gerações que o haviam conquistado, e por o acharem pequenino novos mundos ao mundo foram mostrando. *E não era muito que o fizessem, se entre os sacerdotes das suas aras contavam não poucos que haviam trocado a espada pelo cálamo.*

Talvez por isso é que descansaram então os engenhos prolificos e habilidosos em condensar em rimas todo o lustre duma geração, e não mais apareceram coplas nem quintilhas aos brazões e aos solares.

Limitavam-se agora a fazer referencias apenas acidentais aos emblemas heráldicos da nobreza de Portugal, quando a matéria o pedia, e o assumpto o chamava.

São deles exemplos, ao acaso.

Francisco do Nascimento Silveira, presbitero lisbonense, que em 1796, publicou o seu Coro das Musas Junto por Venus na Casa do Sol em obsequio dos Reis Fidelissimos, e de todos os mais famosos Lusitanos antigos, e modernos, *(em 4 volumes), onde na parte III, e volume IV, com eruditas e extensas notas genealogicas, faz Apolo enumerar* pelos Apellidos genealogicos a muitos egregios Portuguezes, bem dignos desta lembrança:

«Vós, Cesares, Correas, e Carneiros,
Vieiras, Lobos, Telles, Cogominhos,
Estaços, Azambujas, e Calheiros;
Lobatos, Martins, Viegas, e Marinhos
Rebolos, Pimenteis, Motas, Ribeiros,
Goterres, Portugaes, Pinas, Godinhos,
Vossa fama será tão permanente,
que nunca a esquecerá a Lusa gente.»

(XLIV—Parte III)

Manuel de Gallegos, poetastro de quem Barbosa Machado diz grandes louvores, contemporaneo e amigo de Lope da Vega, num epitalamio que compoz às bodas do Duque de Bragança D. João II, intitulado «Templo da Memoria...»:

«E em tarjas sobre quinas elegantes
O banco lhe debuxa dos Infantes»;

e José Caetano de Figueiredo, outro tal, que no seu «Epithalamio aos felicissimos desposorios do excelentissimo senhor D. Miguel da Sylva Fessanha; com a excelentissima senhora D. Maria da Piedade e Noronha» (Lisboa 1784), lá diz ácerca da linhagem do noivo:

«Inda trazem no Escudo os Leões honrados,
Da sua clara Estirpe alta memoria».

Mas em Portugal, terra de poetas, quem não verceja, (e haverá quem o não fizesse na vida uma vez ao menos?) não se escapa a prestar reverencia ás musas por outra qualquer maneira. Poetam uns, coligem outros. O que aquelles mal arrecadavam na prodigalisação do seu estro, fecundo, borbulhante, como as quadras que nas eiras se lançam á desgarrada, como as cantigas de amigo do alvejar da literatura, como os epigramas motes e voltas que se improvisavam nos serenins da corte quinhentista e nos outeiros das abadessas do século XVIII, joguetes de uma hora, flores de um dia, outros menos espontaneos mas mais curiosos, conservadores, apanharam-nos aonde caiam, e compilaram em cadernos o que os outros mal cuidavam de guardar.

Daqui os Cancioneiros; *yergeis floridos de canções. Cancioneiros medievais que tomaram mais tarde eruditamete o nome das bibliotecas onde foram encontrados; cancioneiros quinhentistas denominados pelos nomes dos seus compiladores; cancioneiros romanticos coordenados por altos espiritos renovadores duma literatura estagnada, nacionalistas que inteligentemente comprehenderam não havia uma parcela da nossa producção litteraria a deixar perder, viesse donde viesse, e fosse qual fosse, e que a colectania faz valer pela força da soma o que pouco merito poderia ter unitariamente.*

Nesta ultima série, humildemente um cantinho, o ultimo lugar de todos, desejavamos nós obter.

Ferida a nossa atenção pela curiosidade literaria da heraldica e a genealogia como inspiradora e tema de producções poeticas, achâmos interessante estudar semelhante género, e compilar o que existia disperso desta materia. O trabalho que isso nos custou foi grande, mas compensado por alcançarmos duas obras inéditas.

Trez foram os autores portuguezes que, ao nosso conhecimento, como temos vindo expondo, se ocuparam da heraldica ou da genealogia em verso. Deles, apenas João Rodrigues de Sá logrou ver as suas coplas estampadas. As obras do bispo de Malaca, ficaram todas manuscritas, e com ellas o seu «Templo da Honra de Portugal», e egual sorte tiveram as do Capitão Mor de Santa Cruz de Riba Tamega.

Nem mesmo as suas copias de mão se tornaram comuns, e tivemos que procurar muito para as obter. As coplas de Manuel de Sousa da Silva apenas as fomos encontrar numa miscelania que pertenceu a Fr. Francisco de Santa Maria Maior Pacheco, célebre linhagista e notavel beneditino do século XVIII, Dom Abade do Mosteiro de Paço de Sousa, e do Colegio de Nossa Senhora da Estrela de Lisboa. Este codice existe hoje na Biblioteca Municipal da cidade do Porto, donde extraimos a copia que publicamos.

Mais dificil ainda nos foi obter a copia do Templo da Honra de Portugal, *de D. João Ribeiro Gayo. Apoz prolongadas buscas viemos a descobrir uma lição desta obra copiada nas margens de um armorial existente na Biblioteca Publica de Evora (Cod. CXVII, 2-12, pag. 61 e segs.) e que parece ser da autoria, ou mão, pelo menos, do rei d'armas Pedro de Sousa. Explicando melhor: á margem de cada brazão, foi o autor ou copista lançando as coplas que lhe fizera o bispo de Malaca. Até hoje, foi a unica copia que encontrei da obra poetica deste prelado.*

Anselmo Braancamp Freire, a paginas 6 do seu livro «Sepulturas do Espinheiro», em nota, acusa a existencia na sua livraria de uma copia do seculo XVIII destas coplas; as diligencias, porem, que pessoalmente fizemos nesta biblioteca, hoje publica, em Santarem, e as que a nosso pedido fez o Ex.mo Snr. Manuel Vidal, seu digno bibliotecario, e que a conhece ha longos anos, para encontrar o referido manuscripto, resultaram completamente infrutiferas.

Forçoso nos foi pois servir da copia que das cotas do manuscripto eborense nós obtivemos. Na sua conformidade o publicamos.

Finalmente, esta colectanea terá interesse?

Tem graça pelo menos. A graça ingénua das coisas velhas, a graça dos generos poeticos secundarios, das curiosidades, que muitas vezes bem revelam uma epoca, uma sociedade, um grupo ou uma feição literaria, um tema em voga:—a graça, como por exemplo de uma colecção de caixas de rapé... Os poetas são menores? Por certo que o são, talvez menos do que isso até, mas a sua producção constitue uma curiosidade interessante: a originalidade do tema, a aliança da erudição com a poesia ligeira, as constantes referencias que os nobiliarios lhes fazem, a sua raridade, a sua dispersão, o seu inéditismo, e, finalmente, a sua antiguidade aliada á graça da sua forma ingenua e ao arcaismo da sua linguagem, atraiem a nossa atenção.

Não tem valor como informação historica, porque a rima foi por vezes mais imperiosa que a exactidão? Que importa! A objecção é evidente demais para não extraviar ninguem, e os seus autores tambem não pretendem impor-se como oráculos historicos.

O Roll of Caerlavrock *é classificado pelos criticos inglezes como sendo* fascinative and delightful. *Porque não havemos nós de achar tambem a sua graça e o seu encanto, para já não dizer com eles* fascinação e delicia, *nas nossas trovas ou coplas?*

E depois, quem sabe ao certo o valor das coisas pequeninas, das coisas humildes? das coisas sem valor?

O valor das coisas está nos olhos que as veem. Para o frangão da fábula a perola valia menos do que o grão de trigo... Bemditos os olhos que sabem apreciar o valor de tudo.

CONDE DE SÃO PAYO
(D. ANTONIO)

João Rodrigues de Sá

Senhor de Matosinhos, etc.

COPLAS DECLARANDO ALGUNS ESCUDOS DE ARMAS DE ALGUMAS LINHAGENS DE PORTUGAL, QUE SABIA DONDE VINHAM (1).

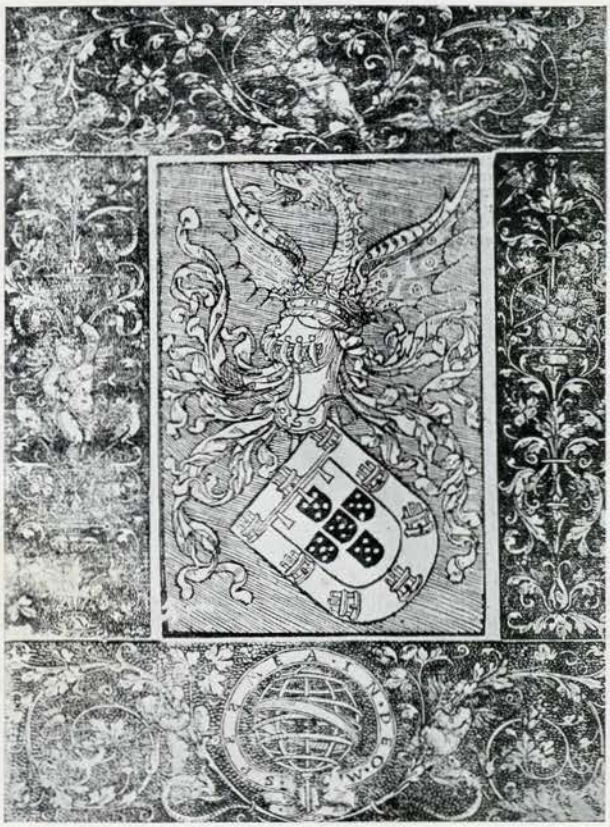
João Rodrigues de Sá! E' um nome que, com o de Garcia de Rezende, devia encher todo o século de quatrocentos, e anda tão esquecido

Nascido em berço dourado na cidade do Porto, pouco depois de 1460, filho herdeiro de Henrique de Sá, Senhor de Matosinhos, das terras do Barreiro, de Sever, Paiva, Baltar, de Neiva, e de Aguiar, alcaide-mor do Porto, já de si poeta tambem com não poucas producções no Cancioneiro, e de sua mulher D. Beatriz de Menezes, foi educado em Italia debaixo da direcção de Angelo Poliziano, donde voltou trazendo comsigo as novas aspirações do renascimento.

Foi o primeiro que apontou para a necessidade de uma educação superior intelectual da nobreza: nec contentus opibus paternis et avitis, ut omnium fere generosarum hoc nostra tempestate natura est, sed literis ita vigilanter prosequitur tum legendo, tum peritiores siccitando ac si per ellas foret sibi victus quaerundus (*Cataldus Siculus*).

De volta de Italia, na altura em que Fernão Brandão devia inquirir de seu pai, «Anrique de Saa»,

«...polo erdeyro
verdadeyro
da gram terra de Sever
.....
.....
ou se traz em seu sentido
a sua dama primeyra
pois que dela foy vencido».



Portada do Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende; 1.ª Edição

devia de se ter deixado ficar pela côrte, onde o comercio literario e o convivio mundano o haveriam de prender.

Na verdade João Rodrigues de Sá era gentil homem, de airosa presença, um peralta do seu tempo: vejam-se os versos que lhe dirigiu D. Pedro d'Almeida por passar a usar uma carapuça de veludo porque Dona Joanna (de Mendoça?) não gostára do barrete que trazia, ou a alusão que no Cancioneiro Geral se faz a uns outros que, juntamante com Simão da Silveira, lhe queriam fazer a um chapeu azul que tinha inaugurado, ou ainda as trovas que o mesmo D. Pedro lhe dirigiu «sabendo alguas cousas que tinha para se vestir».

Mas a sua elegancia exterior, casava-se com uma grande cultura literaria, para a qual a sua feliz indole propria, tinha sido preparada por aquela educação apurada, que o preceptor italiano lhe tinha incutido.

Tendo prestado á Patria o seu tributo de sangue, tomando parte na 1.ª expedição de Azamor que em 1508 seu tio D. João de Menezes comandou, daqui passando ao cerco de Arzila, que defendia o Conde de Borba, onde foi dos que, apesar da forte oposição mourisca, primeiro poz pé em terra, e encontrando-se finalmente como capitão da guarda, em 1513, na tomada de Azamor pelo duque de Bragança D. Jaime, entregou-se ás musas e á cultura dos classicos gregos e latinos, sahindo desta aliança as suas versões da "Epistola de Penelope a Olyxes...„ da "Epistola de Laodamia a Protesilao...„, e a «Epistola de Dido aa Eneas...», a pedido do Conde de Portalegre todas trasladadas do poeta Ovidio, e ainda o «Epitafio de Tibulo poeta...», tudo arquivado pelo curioso Rezende na sua colectanea—O Cancioneiro. É tambem atravez do Cancioneiro, e das mais producções poeticas que dele lá estão guardadas, que se entrevê toda aquella vida palaciana e se pode saborear a graça, e a elegancia daquela corte, futil e cultista, guerreira e poeta, a um mesmo tempo. Por tudo se faziam versos, não com a pretensão de fazer literatura, mas porque o comentario á vida era feito com palavras escolhidas e mesuradas, e que se mandavam uns aos outros com um sorriso e uma

(1) *Na transcrição das coplas de João Rodrigues de Sá respeitámos a ortografia da edição princeps do cancioneiro, conforme a reedição do sr. Dr. Mendes dos Remedios; quanto aos outros dois autores, não nos pareceu que houvesse razão que impuzesse este respeito, por isso que apenas transcrevemos de* copias, *de caótica ortografia, que muito embaraçaria a leitura.*

cortezia. Como os seus contemporaneos, João Rodrigues de Sá escrevia «a luys da sylveyra por que lhe vio mãdar dalmeyrym a lixboa por muyta manteyga e vira lhe leuar muita quando se fora... tendo hum cozinheiro que se chamaua mestre pedro»; «a hua dama que lhe deu hum dia de rramos hua cruz de palma», *a D. Beatriz de Vilhena «A Perigosa», ou respondendo aos epigramas que lhe enviava D. Pedro d'Almeida por voltar do campo de batalha sem se ter esquecido de aparar a barba, ou ao Garcia de Rezende que lhe mandava um vilancete, ou respondendo pelos interessados, como as respostas que fez por D. Joana Manuel aos motes* «que lhe mandaram a ella huns señores de castella...», *ou pelo Conde de Vila Nova porque mandára pedir a D. Pedro de Almeida uma cana que lhe tinha emprestado ao serão...*

A sua principal obra porem, deste periodo literario são as suas coplas, essas é que lhe vincaram o nome no Cancioneiro Geral, e lhe grangearam a alusão constante—o das coplas da nobreza.

Conviveu João Rodrigues de Sá com os mais ilustrados espiritos do seu tempo, tendo sido nomeado embaixador por trez vezes a cortes estrangeiras: a primeira em 1515 quando por mandado de D. Manuel, foi à informar-se do precario estado de saude d'El Rei D. Fernando de Aragão; a segunda em 1521 quando acompanhou a Infanta D. Beatriz a Saboya, na ocasião do seu casamento com o Duque Carlos III; a terceira em 1543 quando D. João III o mandou á corte de Carlos V acompanhando a Infanta D. Maria a Castella, e pedindo a mão da Infanta D. Joana para o Principe D. João.

Para o declinar da vida retirou-se para uma sua quinta em Matosinhos onde viveu rodeado de filhos, netos e bisnetos em trato intimo com os seus autores favoritos e com seus amigos, mas acompanhando sempre com simpatia o movimento literario e dispensando a sua valiosa protecção aos talentos mais notaveis da escola nova que o apelidavam «antigo pai das musas». Carteava-se então com Damião de Goes, que já em 1550 elogia «a (sua) muita e varia lição e doctrina nas artes liberais e philosophia e experiencia das cousas que de seu tempo aconteceram» (II, p. 497); com o poeta o Dr. Antonio Ferreira que lhe dirigiu o seu soneto (52)

> *«Alegro-me e entristece a Real cidade*
> *qu'o Douro réga, e meus Sás ennobrecem*
> *c'o as armas e tropheos, que resplandecem*
> *E resplandecerão em toda idade»,*

e a carta VI do livro I; com Pero d'Andrade Caminha que lhe escreveu a epistola XXII; Diogo Bernardes que lhe mandava as suas cartas VII, XVI, e XXXII; e com Sá de Miranda, que lhe endereçava a carta IV, que já citámos.

Alem das obras citadas escreveu ainda: «Nobile, ac Doctissimo viro Damiano á Goes sue S. P. D. Epistola data Portu Galliae Idibus Januarii 1541», *Impressa na edição de Lovaina (1544) das obras de Damião de Goes;*—Cadabali Gravio Colydonio S. D. Epistola data Portugalliae quarto Calend. Setemb. an. 1568;»—«Carmen in Religiosissimi Doctoris Roderici Pinarii Dei Gratiae Portugalensis Episcopi Encomium», *esta obra e a anterior sahiram impressas na* Pstyographia Cadabalis Gravii (*Olissipone, 1563*);—«De vera Platano apud nos reperta Comentatio Ad amicum Ludovicum Teixeiram Regis Palatii expeditorem», *Ms.*;—«*Tratado da cidade de Coimbra*», *Ms. alegado por Pedro de Moniz (I-cap. 4).*

No Porto veio a falecer em 1576, com a edade extraordinariamente avançada de 115 anos de edade, e foi sepultado na Capela do Capitulo do convento de Nossa Senhora da Conceição de Matosinhos, com uma campa de bronze onde se dizia:

Aqui jaz João Rodrigues de Sá.

(Cfr. Goes,—Cron. de D. Manuel II, *cap. 27, e 29, e III, cap. 46.* — *Fr. Luiz de Sousa,* Anais, *p. 114; Barbosa Machado,* Bib. Lus. *III, 739; Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende, III, pags. 268, 473, e 576, ed. de Stuligart; Fr. Francisco de Santo Agostinho Macêdo,* Domus Sadica; *D. Carolina Michaelis de Vasconcellos,* Poesias de Sá de Miranda, *Halle, 1885.*

Por se levantar a gloria (Fl. CXIII, v.º)
das linhajes muy honrradas,
que per obras muy louuadas
de sy leixaram memorea
a que lhes syguas peguadas.
Suas armas devisando
algũas hyrey lembrando,
donde lha nobreza vem,
por que faça quem a tem
pela soster bem obrando.

E direy primeyramente
das altas quinas rreaes
mandadas per deos, as quaes
jaa conheçe tanta gente
por senhoras naturaes
Que de Ceita atee os Chijs,
no mar, rroxo, & Abaxijs,
Yndia, Malaqua, Ormuz
com a espera, & com a cruz
durarão tee fym dos fiis.

EL RREY

As dadas por mãos deuinas (Fl. CXV)
a rrey mays que terreal
armas são de Portugual
sobre prata cinquo quynas
cos dinheiros por synal.
Cujos rreis que jaa passarão
com vitoryas as pintarão
per Africa em grão tropel,
& el rrey dom Manuel
onde os rromãos nõ chegarão.

O PRINÇIPE

Estas de tanto prymor
cõ rrisco branco luzente,
do muy alto & exçellente
prinçepe nosso senhor,
são sem outro deferente,
em esperança criado,
pera como no reynado
em vertudes, & poder
el rrey seu pay soceder,
pera ser rrey acabado.

O DUQUE

A quem fende huũ labeo
de dous escudos rreaes,
sem outros nẽhũs synaes,
que non chegue de voleo
atees quynas deuynaes.
Sobrinho de seu senhor,
he de muyto moor primor
do que meu louuor alcança
senhor duq de Bragança,
o que tomou azamor.

O MESTRE

Huũ labeo atraues fende,
por ser synal este tal,
que por rrezão natural
com rrezã se lhe defende
o proprio escudo rreal,
oo senhor a quem são dados
hũ duquado, & dous mestrad'
com outra tanta rrezão,
fylho del rrey dom Joham,
por nom dizer mays estados.

O MARQUES

Quinas, Castella, & Lyão,
E ho dourado paues,
escaques cõ estas tres,
lobos barras Darragão,
espada traz o marques.
Marques de Villa rreal,
de Castella, & Portugual,
tresneto dos rreys passados,
danteçessores louuados,
E elle por sayr tal.

CASA DE BRAGANÇA

Sobraaspa fazem mostrãça
as quinas doutra feyçam,
cruzes coelas estam,

armas são dos de Braguança,
que uem del rrey dom Joam.
Debayxo destas sentendem
tres titolos que dependem
de sangue tam poderoso,
Myra, Tentugal, Vymyoso,
que todas juntas comprende.

NORONHAS

Se temor, & sem vergonha,
onde quer queles estem,
azuis, & de prata tem
escaques os de Noronha,
douro & veyrados tãbem.
Noronhas são da montanha,
& nõ doutra terra estranha,
donde a terra tomada
de Mouros he rrecobrada
& tornada aa fee Espanha.

COUTINHOS

As ciquo estrelas sanguinhas
em campo douro pintado
do sangue ãtigo, & hõrrado
são nobres armas coutinhas,
feytas du çeo estrelado.
E sabesse desta jente
que ganhou antiguamente,
segundo a memorea alcança,
a casa por sua lança
quagora tem no presente.

CASTROS

Os q nõ sofre mais lastro
de nobreza fydalguia,
seys arruelas dirya
quazuis trazem os de Castro
em campo dargentaria.
E quem vir estes synaes,
sayba que cõ estes taes,
vindos de bizcaya ha tanto,
agora tem caa Momsanto,
& a villa de Casquaes.

EÇAS

Os que nu cordão cõ noos
tem labeo darmas rreaes,
& os pontos traze mais
dasquynas, tem por avoos,
jnfantes, & rreys, seus pais.
E que andem sem estado,
quejando foy o passado,
rrezão nom sera quesqueça
o rreal sangue dos Deça,
posto quo tempo he mudado.

MENEZES

Tem n' dourados paueses
limpos de toda mystura,
a rreal progynytura
nos senhores de Menezes
Dordonho rrey, quynda dura.
Cuja linhaje rreal,
que por muytas rrezoes val,
mete dentro em sua rrede
Villarreal, Cantanhede,
o prior do Sprital.

CUNHA

Çinquo cuhas testemuhas (Fl. CXV v.º)
sobre campo couro banha
são de vir de terra estranha
o nobre sangue dos Cunhas,
a selo mais em Espanha.
O çerto nom sabem donde
mays que vyre quaa co cõde
dom Amrique no começo
Santarem he de seu preço
testemunha q lhauonde.

SOUZAS

De duas armas rreaes,
com quynas, & cõ lyoes
Souzas fazem quarteyroes,
por serem fylhos carnaes,
de dous rreys por soçesoes.
Duu que teue tal valor
que foy par demperador,
doutro em Portugal seu par,
o prymeyro no rreynar
prymeyro conquistador.

PEREYRAS

A veera cruz verdadeyra,
joya de nosso tesouro,
que apareceo oo rrey Mouro
per mylagre na pereyra,
da vytoria certo agouro.
Em tytolo de valya
florece oje este dia
antre a montanha & o mar
entre Cambra, Feyra, & Ouar
terra de Santa Maria.

VASCONÇELOS

As que myl temores fazem
a quem ha de naveguar
vermelhas ondas do mar
os de Vasconçelos trazem
sobrazul muy syngular.
Vasconçelos de Gasconha,
que nunca passou vergonha
em esforço e valentya,
no tempo que floreçya
ne agora ha que lha ponha.

MELOS

Nom tem lyoes ne castelos
mas seys brancas arruelas,
& tres barras amarellas
o nobre sangue d'melos,
que suas armas traz nelas.
He o que deles se toma
ser estrangeyros em soma
donde nõ se sabe asaz,
ajnda que o nome faz
presomyr vyrem de rroma.

SILUAS

Do metal mais eycelenie
os que trouxerem lyão
em prata, Syluas serão,
que oje sacha presente
mais antygua jeração.

Foram seus progenitores
Capetos, & Numitores,
rreys Dalua, donde vyeram
os jrmãs que nõ couberão
nu soo rreyno dous senhores.

ALBUQUERQUE

As çinquo flores de lys
com quinas e quarteirão
os Albuquerques trarão,
os que del rrey dom Denys
trazem sua geração.
E por tocar tal estado
bem mereçe ser honrrado
sangue que tem tal mistura
per tão honrrado natura
dyno de ser nomeado.

FREYRES

A banda que atrauez fende
sobresmeralda luzente
com cabeças de serpente
Freyre Dandrade comprende
de Galiza decendente.
E que laa tenha luguar,
pera se mais nomear,
& nos rreynos de Castela,
os que qua te Bouadela
nem serão pera calar.

ALMEYDAS

Nas douro seys arruelas
em seus escudos pintados
do sangue honrrados perlados
sempre vymos dentro nelas,
& outros leygos destados.
Dalmeyda, que jaa fez cumes,
deu, & ajnda daa lumes
destado, & de senhorio
Abrantes, Crato, & que Dio
vyo besbaratar os rrumes.

ANRRIQUEZ

Está mas nõ posto e alto
douro hu castelo rreal
em vermelho, apar do qual
fazem dous lyoes hu salto
sobre o segundo metal.
Vinda do conde Gijão
Annriquez he jeração,
que com taes armas q tem
dos rreys de Castela uem,
mas nõ jaa per soçessão.

SOARES

A moor joya das deuynas
em campo dargentaria
traz a nobre fydalguya
com orla das rreaes quynas,
Soarez Dalberguaria.
E huu destes a ganhou,
& por grão preço alcançou
quem huma peleja braua
hu mestre de Calatraua
prendeo, & desbaratou.

AZEVEDO

Aguea çelestrial,
aue que mais alto voa,
sobre eyçelente metal (Fl. CXV I.)
da coroa jmperial
tyrada, sem a coroa.
Trouxerão daltalemanha
os Dazevedo a Espanha,
por testemunha, & certeza
de sua grande nobreza,
& rrezão por que se ganha.

CASTEL BRANCO

Onde se der cãpo franco
em nouo mas dino estado,
rrompente lyão dourado
trarão os de Castel branco
em campo azul assentado.
E de sua perfeyção,
E quanto val com rrezão,
dara muyto çerta prova
em seu conde Vila noua,
aquella de Portymão.

REESENDE

Nũ escudo em cãpo douro
duas cabras ajuntadas,
de gotas douro malhadas,
da cor quee hũ negro mouro
desta mesma cor pintadas,
quem bẽ em nobreza entende
achara que a de reesende
foy grande per sua lança,
ha muytos tempos em Frãça,
donde acha que desçende.

MONIZ

Da banda quee controu ful
eesta terra antiguamente
veyo hũa nobre jente
cõ çinquo em escudo azul
estrelas douro luzente.
Polo que destes se diz
pouco diguo, & pouco fyz
do que seu prymor mereçe,
segundo o que se pareçe
dos feytos de Eguas moniz.

FEBUS MONIZ, & SEU FILHO

Ambalas armas rreaes
de Chipre, & Jerusalem
cõ armas mistura tem
de moniz, mas estas taes
a hũ soo deles conuem.
Hũ soo, a quem cõ rrezão
chamẽsse de Lusynhão,
seu pay lho foy alcançar,
por sajuntar, & casar
cõ tão alta geração.

MOURA

Quem sete castelos doura
sobre vermelho açendido,
lhe o sangue conhecydo
por tomar aos mour' Moura,
donde trouxe o apelydo.
Hũ dom rrolym estrangeiro
foy destes o padroeyro,
de cuja fama aynda soa,
na tomada de Lixboa
que nom foy o derradeiro.

LOBOS

Em campo de prata tal
çinquo lobos figurados
de negra tinta pintados
trazem os deste anymal
de suas armas chamados.
E destes estaa no syto
o dyno de ser [e] scrito,
por quem lhe de seu louuor,
Barão Dalvito senhor,
& Villa nova Dalvyto.

SAAS

Nos esscaques celestiaes
e de prata esta mostrado
o muy nobre, & muy hõrrado,
& por batalhas rreaes
sangue de Saa derramado.
Com que o rromão columnes
se mesturou datraues,
cada hũ de grão primor,
forte, leal, sem temor
em combates, & gualles.

LEMOS

Antiguas, & nõ modernas
de sangue nobre, & honrrado,
em escudo nom dourado
são douro çinquo cadernas,
mas de vermelho pintado.
Lemos he a geração
cujas estas armas são,
de gualiza antiguamẽte
a Portugual esta jente
veyo com justa rrezão.

CABRAL

De purpura çelestrial
sobre prata muy luzẽte
a jeração muy valente
que delas se diz Cabral
traz sem ou r o deferente.
E pera questas aponte,
escrito trazem na fronte
seu esforço, & lealdade
naquella grão lyberdade
de castello de Belmonte.

SILUEYRAS

Em huũ campo prateado
bandas de sanguynha cor
cũa silua derredor
de quo escudo he cerquado,
são armas de grão valor.
E em pendões, & bandeyras
as podem trazer Sylueyras:
Sylueyras de Syluas vem,
o nome o diz, & tãbem
estorias muy verdadeyras.

FALCÃO

Os q̃ mostrarẽ bordões
nũ escudo de rromeyros
são muy nobres estrangeiros,
dapelydo de Falcões,
leaes, & boõs caualeyros.
Co duque muy afamado,
daalem crasto nomeado
rreynando el rey dom João, (Fl. CXV I. v.º)
veyo mosem jaão falcão,
hũ cavaleiro estremado.

GOYOS

Sobre prata douro fyno
com as barras Daragão,
arminhos tão bem estão,
& mais hũ castelo ẽ pino,
armas de dom Anyão.
De dom Anyão destrada,
a quem primeiro foy dada
a vila de Goes derdade,
que a sua postridade
deixou della a nomeada.

PEDROSA

Hũa aguea temerosa
de quatro pedras çercada
no meo doutra assentada
por armas aos de Pedrosa
antiguamente foi dada.
Vierão de Ingraterra
cõ tenção que nũca erra
de spender vida, & tesouros
em ajudar contra Mouros
Os Portugueses na guerra.

FARYA

Oo pee duñ castelo herguido,
por se nõ ver abaixado,
jaz huũ corpo espedaçado
em muytas partes partydo,
por nom ser dũa apartado.
Faryee que nom farya
per onde a caualaria
se perdesse erro nẽ tacha,
que desta maneira sacha,
por guardar a q̃ deuya.

PACHECOS

Em campo douro assentadas
caldeyras douro luzente
com cabeças de serpente
nas aas, & fayxas veiradas
são armas dantigua jente.
Pachecos, de tal ventura
em soster, & ter segura
sua nobreza, & creçendo,
quem tempo de Çesar sendo,
ajnda lhagora dura.

COELHOS

Em campo douro hũ lyão
de muy braua acatadura,
coelhos por orladura,
dos Coelhos se dirão
armas sem outra mistura.
Coelhos tal perfeyção

desforço, & dopynyão
sostem no que começarem,
que coração lhes tyrarem
nõ lhes tyra o coração.

DÕ VASCO DA GAMA

Aquẽ lhachou nouo mundo,
noua terra, & nouo clyma
deu el rrey em grandestima
sobre as do Gama enfundo
as suas armasençima.
E em quanto dura afama
q̃ a India dessy derrama,
sempre hyra o nome diante
do seu primeyro almyrante,
estee dom Vasquo dagama.

VALENTE

No brauo lyão rrompente
per tres luguares fayxado
se mostra bem amostrado
sangue ocquez, & valente
co nome muy conçertado.
Ambos sayrão da vyde
do bom que morreo na lyde
Douryque diante el rrey
de louuor segundo ley
nõ menos dygno q̃ o Çyde.

BOTOS

Duas cabeças cortadas
postas em campo dourado
de Mouros, & ẽ cooraado
duas torres assentadas,
onde o feyto foy passado.
Armas que Botos ganharão
saão por mouros que matarão
naquelas torres em Ceyta,
quando da danada seyta
Portugueses a livrarã.

CAMARA

Nuũa torre de menajem
dous lobos querẽ trepar
em campo cor dũ pumar
q̃ são armas dalynhajem,
muy dygna de nomear.
Camara he seu apelydo,
em Portugal muy sabido,
& na ylha da Madeira,
q̃ sua vida primeyra
destes atem rreçebido.

PYNA

Em campo vermelho estão
dous muy floridos pinheiros,
e em banda azul lyão
douro rompente, que são
nobres armas destrangeiros.
De Peno pyna declyna
esta linhajẽ muy dina
de grão louvor, & pregão,
veyo ca ter daragão,
& da hy vem os de Pyna.

BRANDÃO

Çinquo brandões. nõ em cruz,
em campo vermelho jazem,
e cõ resplandor que fazẽ
dão clarydade, & dão luz
de nobreza dos que os trazẽ.
De terras, & possyssoẽes
dos cavalleiros Brandões
achey antygua memorea (Fl. CXXII.)
em muy verdadeira estorea
dantyguas jnquyryções.

COTRYM

De cos mais fazem tesouro
nu escudo escaques são,
onde xaques nõ darão,
se nõ for em prata ou ouro,
dama, rroques, nem pião.
Coeste que luguar tome
a geração, & seasome
dos Cotryns, rrezão seria
que mayor foy na valya
que a moeda de seu nome.
Linhajes de grande preço
outras tão boas, & taes
fycão, por nom saber mays,
mas que seguyr meu começo,
seas souber, diraa quaes
Dalguãs que nesta ydade
em valya, & em bondade
são vistas pervaleçer,
cõ rrezão se deve crer,
que tal foi antyguydade.

FYM

E nom por defeyto seu,
quee sabido que nom tem,
cuyde, que fycão, alguẽ
mas antes que polo meu
que as nom sabia bem.
Por q̃ non quys por ventura
dando prova mal segura,
alguẽ do que que seu nõ he
tyrar a outros a fee
do que vy per escritura.»

D. João Ribeiro Gayo

Bispo de Malaca.

TEMPLO DA HONRA DE PORTUGAL

D. João Ribeiro Gayo, nasceu na segundà metade do seculo XVI em Vila do Conde, da provincia da Beira, onde teve por paes a João Afonso de Lessa, e D. Beatriz de Couros. Formou-se em Coimbra em direito canonico, sciencia em que tanto se destinguiu que cedo foi nomeado desembargador da Casa do Civel, e logo Bispo de Malaca, tendo sido presidente das Justiças em Goa no ano de 1581. Com vigilante zelo exercitou o munus pastoral pelo largo espaço de trinta anos até falecer em 1601.

Alem da obra que adiante pela primeira vez damos á estampa, escreveu ainda:

— Relacion de Luchen, escrita a El-Rey. *Em 16 capitulos, Ms. que se conservava na livraria do Marquez de Vilhena.*

— Roteiro das Costas do Achem. *Ms.. fol. que se conservava na biblioteca dos reis de Hespanha.*

Ao autor fazem referencia: Soares Toscano, nos Paralelos de Varões Illustres, *cap. 131; Faria e Sousa,* Asia Portugueza, *Tom. II, parte 3.ª, cap. 20; D. Antonio Caetano de Sousa, no* Aparato *á* Hist. Gen. da C. R., *e no* Cathalogo dos Bispos de Malaca *inserto nas* Memor. da Acad. *vol. II; Barbosa Machado, na* Bibliotheca Lusitana; *e o Dr. Eduardo Carcavellos na* Bibliografia Nobiliarchica Portugueza.

ABOINS

Dos de Aboim D. João,
E Dona Afonsa Marinha
Vem este nobre brazão
Dos Boins, de cuja linha
quasi não ha geração.

ABREUS

Senhores de Regalados
são estes, mas mais antigos
foram sempre esforçados
cavalleiros, e amigos
dos Reis da Patria passados.

ALMADAS E ABRANCHES

Dos Almançores temidos,
das batalhas vencedores,
em suma embaixadores,
na paz melhores vestidos,
nas Hespanhas os melhores.

ALVARENGAS

Dos de Riba de Vizella
de Alvarenga Pedro Paez
deixou esta parentela
que ilustre não houve mais
nem outra mais nobre que ela.

ALBERGARIAS

Dos godos a dianteira
temidos da gente brava
da de Castela fronteira
a quem tomaram a bandeira
que trazem de Calatrava.

AMARAES

Quem fez todas proesas
posto que foi degolado
falsamente foi louvado
de suas grandes grandesas
foi deste sangue gerado.

AGUILARES

Dos de Cordova é brazão
tão ditoso em gerar
apelido de Aguilar
dos godos é geração
em Castela não tem par.

ALARCÃO

Olim estes se chamaram
Cevalos não Alarcõis,
e depois por que tomaram
Larcão, com o nome ficaram;
fortes como Sipiões.

ALBERNOZES

Lá na mancha de Aragão
de Vilhena Marquezado
um cavaleiro afamado
por armas tomou a mão
e a senhoria do Condado.

ALVELOS

De Baguim Martim Soares
a Martim Martim gerou.
Alvelos se chamou,
esforçado como pares
donde Alvelos ficou.

AGUIARES

D'Aguiar foram senhores
Verdadeiros e leaes
De antigos antecessores
Mas não tiveram mais
Por pertencer a Aguiares.

ANDRADES E FREIRES

Nas de Galiza montanhas
tem os Freires solar
Monifroes se usavam chamar
vindo de França a Espanha
aos mouros guerrear.

ANDRADES

Uns descendem de Avelar
conjunto com a macieira,
outros dizem de ultra mar
vir a geração para
a Lusitania ajudar.

ANGULOS

Da Valensa Mariscal
esta gente enobreceu
Lopo de Angulo leal
que conde ser mereceu
de Calabria principal.

AMAYAS

Entre Braga e fertil Maya
está um nobre casal
que dizem ser dos da Maya
gente de mui boa laia
em Castela e Portugal.

ARANHAS

Gente é que não se acanha
com espada nem com lança;
nas letras a todos ganha;
linhagem vinda de França
assim chamada de Aranha.

ARAUJOS

Atravez de Bitorinho
tem sepulcros já gastados
Araujos afamados
na terra que rega o Minho,
antigos, abalisados.

ARÇAS

Geração já consumida
do tempo, mas foi honrada,
e na batalha afamada
contra Castela vencida
se mostrou muito esforçada.

ARAGÃO

De Alonço Rei bom cristão
e da filha de Tovar
nasceu o grão capitão
D. Alonço de Aragão
mui ditoso em peleiar.
(este foi bastardo).

ARRAES

Nove caracois a par
no que val o preso mais
são as armas dos Arraes
valorosos pelo mar
de Africa são naturais.

ATAYDES E ATOUGUIAS

É grã caza de Atouguia;
e a que tem no Minho e Douro
fez cousas dalta valia,
venceram o grão Rei mouro;
Luis Fernandes hoje em dia.

AVELLAR

Duma Rainha vieram
Dona Doce de Aragão
a d'Avelar geração
donde este brazão tiveram
digno de veneração.

AVALLOS

Lá em Navarra e Montoza
tem Avalos o solar
em esforço não tem par
é cousa maravilhosa
suas proesas contar.

AYALAS

Estes, godos são por linha
e de santa geração
e em seu solar estão
alguns corpos, sem mesinha
inteiros sem corrupção.

BAYÃO

Num escudo em campo dourado
duas cabras ajuntadas
de gotas douro manchadas
da cor de um negro mouro
desta mesma cor pintadas.

BARRETOS

O de Bretanha senhor
mandou contra os Mahometos
seu filho de grão valor
á Hespanha, e dos Barretos
foi este progenitor.

BARROSOS

Os titulos que estes tem
em arabigo escriptos são;
tão antiga geração
que dizem alguns que vem
daquele grão Serião

BARROS E BARREIROS

De marca e bilicosa
se vê os de Barro solar
gente goda e generosa
em Biscaia não tem par
e cá é mui valorosa.

BAIRROS

Do alentejo naturaes
são estes Bairros honrados
nobres e já foram mais
mas sempre são principais
nas vilas, e abastados.

BARBOZAS

D. Pedro Nunes Barboza
no livro da geração
é o chefe desta honrosa
linhagem que valorosa
foi em guerra a discensão.

BARBUDAS E BARBEDOS

O que se chamará primeiro
de Barbuda em Portugal
foi a Gonçalves Soeiro
esforçado cavaleiro
e varão mui principal.

BAYANAS

De forte terra ciosa
os de Bayana são
gente foi mui belicosa
que teve já possessão
de Burgos a populosa.

BEÇAS

Geração é bem antiga
agora pouco lembrada
da honra muito amiga
mas a pobresa os obriga
de grandes tornarem-se em nada.

BICUDOS

Foram sempre mui sizudos
e do Porto naturaes,
antigos, e como tais
são carneiros e bicudos,
os que ha são principaes.

BISCAYAS

Nas de Lepusca montanhas
é o solar de Biscaya,
gente é que não desmaia;
traz por armas de façanhas
um lobo junto a uma faia.

BOTTOS

Cabeças de mouros são
por mão dos Botos furtadas
e as duas torres entradas
quando el Rei Dom João
teve de as de Ceita tomadas.

BOTELHOS

Com D. Vasques Mecía
Afonso Botelho casou,
de quem esta linha ficou,
o qual com grande valentia
em Aguiar acabou.

BOTELHINS

O escudo tem cortado,
tem saleiros no segundo,
o de cima apontado
da cor azul e dourado
o que não vio pouco mundo.

BOCARROS

De Lisboa cidadões
foram sempre os Bocarros
contra os bravos castelhões
são os brazões mui bizarros
em todas as discensões.

BRANDÕES

São cavaleiros Inglezes
que vieram a Lisboa
com mui luzidos arnezes
e pelejaram mil vezes
en defenção da Coroa.

OUTROS BRANDÕES

Do tão valente esforçado
como todos os sabidos,
e de Rei muito amado,
são destes dragos unidos
em campo azul pintados.

BRACAMONTES

Dentre geadas e montes
dessa feróz Alemanha
donde não bebem de fontes
vieram os Bracamontes
a esta nossa Hespanha.

BRITOS

Vindos são da grão Bertanha
os Britos mais esforçados
que os que trazem pintados
vieram ter a Hespanha
onde são mui estimados.

BULHÕES

Do Santo é geração
de Lisboa padroeiro
de moncieur de Bulhão
esforçado cavaleiro
no descender tal condão.

CABRAL

De Belmonte a liberdade
foi proeza dos Cabraes;
a India dos outros tais
Napoles dirá a verdade
porque lá deram sinaes.

CALDEIRAS

Nessa batalha real
aos castelhanos tomou
a caldeira de metal
e desta a quem como tal
o tal nome lhe ficou.

CAMARAS

Quem a ilha da Madeira
a Portugal ajuntou
Camaras de lobos tomou
por armas por ser para
a cousa que nele achou.

CAMELOS

D. Fernão Martins Camelo
foi primeiro assim chamado
com D. Viviana casado
para por merecelo
foi, foi mui afamado.

CAMPOS

Deste Ramiro afamado
de Campos Conde e Senhor
vem os Campos, cujo honor
lhe deu brazão sublimado
digno de todo o louvor.

CANTOS

De Guimarães naturaes
são estes Cantos honrados
agora são principaes
com os Silvas misturados
e ricos não os ha mais.

CARDOZOS

Cavaleiros valorosos
foram estes cá na Hespanha,
de cardos, ditos Cardozos
brandos e mui maviosos
de linhagem de Alemanha.

CARNEIROS

Estes portugalos são
de França e Caza Real
donde palica *(sic)* montam
tão antiga geração
que deu nome a Portugal.

CARVALHOS

Contam as velhas patranhas
os Carvalhos de um vilão
descenderem que é busão
pois vemos tantas façanhas
desta antiga geração.

CARVALHOSAS

Capela nobre honrosa
fica agora ajustado
a outro de Carvalhosa
deste brazão apossado.

CARVALHAIS

São estes do Carvalhal
da gente nobre e honrada
em Castela afamada
mas não já em Portugal
porque não tem lá pousada.

CARVOEIROS

Na batalha de Tarifa
dos de Evora foi capitão
o senhor deste brazão
donde prenderam califa
do mór senhor filho então.

CARRILHOS

De esse Rodrigo Afonso
Carrilho tão nomeado,
nos altos montes gerado
onde se falo vasconso
foi este escudo honrado.

ÇAPATAS

Dos Zapatas de Aragão
Rei Sanches foi o primeiro
que como bom cavaleiro
deu lustre a este brazão
de nobre gente herdeiro.

CADENAS

Que direi da mui famosa
dos de acanha descendencia
do Senhor da Cavernosa
vencedor só com prudencia
de Granada a belicosa.

CASTANHEDAS

O Conde mui esforçado
D. Guterres de Seão
de Castanheda chamado
teve esta geração
do qual seu rei foi livrado.

CASTELLOS BRANCOS

Dos que nos campos valentes
d'Ourique sacrificaram
seu sangue onde alcançaram
fama, mas seus descendentes
Casteis Brancos se chamaram.

CASTILHOS

Contra as meiras da montanha
tem os Castilhos solar
antes da perda de Hespanha,
depois o trouxe a Tomar;
foram de fortuna estranha.

OUTROS CASTROS

Os que de Galiza vem
são estes Castros honrados,
lá e cá mui afamados,
e treze arruelas tem
do sangue dos outros nado.

CASTROS DO RIO

O senhor deste solar
é Salomão no saber
é Alexandre em dar
garfos deixou de grão ser
do qual ha mais que esperar.

CAZAL

Daquele bom cavaleiro
D. Rodrigo do Cazal
Gracia mui principal
foi este que como tal
era nas lides primeiro.

CERVEIRAS

João Afonso de Cerveira
a Dona Pires Maria
escolheu por companheira
dos quais a genealogia
dos Cerveiras foi primeira.

CHAVES

Na claustra da Catedral
Sé de Lisboa afamada
estes tem sua morada,
dizem que por ser leal
esta divisa lhes é dada.

CHACINS

De Nuno Martins Chacim
de el Rei D Dinis privado
e foi seu adiantado
o qual teve honrado fim
pois morreu como esforçado.

CIRNES

Estas deu o Imperador
ao nobre porta leis
em Flandres sendo feitor
por el Rei Nosso Senhor
que tambem mercê lhe fez.

CID RUY DIAS

Destruição de pagãos
mais temido que Samsão
foi este de cujas mãos
receberam os cristãos
sua perdida nação.

COELHOS

Felgueiras com seu concelho
temos desta geração
foi valoroso brazão
mostrou o bom concelho
quando vio seu coração.

CORREAS

Os que cercados de mouros
nese Monte Mor velho
peles correas e couros
comeram por não ter louros
tem taes armas por espelho.

COGOMINHOS

Desse Fr. Martim Fernandez
Cogominho o cavaleiro
rico homem aventureiro
são estes que foram grandes
neste Portugal primeiro.

COSTAS

A quem quebrou a espada
com costas se defendeu,
seu inimigo venceu,
houve sua namorada
posto que tambem morreu.

COTRINS

Em campo de prata tem
uns esquaques os Cotrins
que em Portugal são ceitis,
mas o sangue destes vem
dos que trazem flor de liz.

CORDOVIL

De Cordova naturais
são os Cordovis honrados
lá e cá mui acatados
cavaleiros principaes
foram seus antepassados.

COUTINHOS

Dos coutos foram senhores
que tomaram á alarve gente
Os Coutiuhos que ao presente
em Portugel são maiores,
e godos antigamente.

COUROS

Todo Espanha foi de mouros,
só o Porto teve mão
pelo esforço dos Couros,
traziam couros de touros
donde vem este brazão.

COUTOS

Nos espanta e espantou
o grão feito que estes fêz
D.do com um batel tomou
a um galeão francez
de que esta só alcancou.

CONTREIRAS

Os Contreiras infanções
assim foram antigamente
de Lara seu descendente
tomou por armas seis...
.....

OUTROS CORONEIS

Uns dizem que de Cornek
outros dizem de corona
que foi posta áquela Dona
por não fazer adulterio
se queimou como matrona.

COSSA

Os de Cossa com louvor
estas armas mereceram
em Toledo onde nasceram
os quais lhe deu seu valor
pelas guerras que venceram

CUNHAS

Dizem que na praia
do famoso rio Douro
matou o deste um rei mouro
que a mulher lhe tinha em Gaya
furtada com seu tesouro

DANHAYAS

Entre Braga e a fertil Maya
está um nobre casal
que dizem ser dos da Maia
gente de mui boa laia
em Castela e em Portugal.

DEÇAS

Deças dos Decios descendem
de grão romana nobreza,
posto que alguns mais pretendem
por travessa á Alteza
que é a fonte donde procedem.

FAFES

Este aliéres esforçado
de Henrique de Portugal
ultimo conde louvado
foi D. Fafes seu privado
forte como Anibal.

FAGUNDES

Dameyufes naturais
são os Fagundes honrados
em Viana os ha tais
nos outros tempos passados
foram muito principaes.

FALCÃO

Os que trazem três bordões
em campo roxo pintados
dos ingrezes são gerados
e da caza dos falcões
entre eles são nomeados.

FARINHAS

De D. Afonso Farinha
grande Prior do Hospital
cavaleiro principal
vem esta mui nobre linha
dos grandes de Portugal.

FEOS

Antre o de Ave nomeado
está posto já no chão
este castelo afamado
do que com grão coração
vio seu pai espedaçado.

FERREIRAS

Tres barras trazem douradas
postas em campo sanguinho
dos Ferreiras assentadas
vemos os dantre douro e minho
de gente mui afamadas.

FIGUEIROAS

E' linhagem antiga e boa,
e tambem duques descendem
do solar de Figueiroa,
cujas armas se pertendem
porque a fama delas voa.

FOGAÇAS

¡Quem cuidou ver esquecido
os Fogaças tão guerreiros
tão leais tão conhecidos
portuguezes verdadeiros
de mouros muito temidos!

FONSECAS

Dos Fontojos senadores
familia mui principal
procede este brazão tal
donde vem muitos primeiros
de Castela e Portugal.

FRAZÃO

Amado foi desta gente
o rico Martim Farazão
chefe desta geração
já esquecida ao presente,
mas muito lembrada então.

FREIRES

A banda que atravez fende
sobre esmeralda luzente
com cabeças de serpente
Freires de Andrade comprehende.
De Galiza descendente
em que lá tenha logar
para se mais nomear
e nos Reinos de Castela
os que cá tem Bobadela
não serão para calar.

FREITAS

Em cinco estrelas douradas
postas em campo sanguinho
dos Freitas godos usadas
entre o Douro e mais o Minho
foram as mais veneradas.

FRIAS

Estes dois caudilhos fortes
por esta torre treparam
onde a um deles mataram
e ao outro com sem morrer
os de dentro lho deixaram.

FROYAS

De Uzonia conde mayor
D. Mendo antigamente
apareceu com muita gente
á Corunha do qual senhor
Dom Froyas foi descendente.

FLORES

De solares são senhores
e foram de grãos tezouros
os desta caza de Flores
os quais foram defensores
da Hespanha contra os mouros.

FURTADOS

Estes trazem dez panelas
a modo de coração,
as quais folhas de ervas são
porque derramaram nelas
sangue de alarve geração.

FURTADOS E MENDOÇAS

De Calvo Laim louvado
e da grã Dona Tareja
nasceu o forte Furtado
de Mendonça, afortunado
na paz, e mais na peleja.

FURTADOS DE MENDONÇA DE SEVILHA

O que a furto foi gerado
vem dos condes de Aragão
e o duque foi baptisado
no grão do Rio Jordão
por um mui grande perlado.

GAMAS

Venceu primeiro com fama
as partes orientaes
e descobriu outras tais
o grão D. Vasco da Gama
que traz as quinas Reais.

GAIVÕES

Não trazem feros alões
postos em campo sanguinho
mas brancos trez gaivões
os Gaivões que vem do Minho
na guerra foram leões.

GAYOS

Do que se armou cavaleiro
na rota dos castilhanos
por o Rei João primeiro
este vem de longos anos
portuguez mui verdadeiro.

GARÇÉZ

Seis escudos e um fez
de nobre geraçõis seis
O Douto Afonso Gracéz
o mais veleiro portuguez
daquele tempo em leis.

GUEDES

Em campo azul sem falha
sinco flores douro são
do Guedes este brazão
porque chamou na batalha
o grande Rei D. João.

GIRÕES

A quem fez sem nenhum medo
vagar Alonso Rei
na batalha de Toledo
el Rei disse eu te farei
conde, girão muito cedo.

GUIIMARAENS

Foi da gente nobre e honrada
o que traz são Real
sobre rede levantada
uma espada colorada
de Braga foi natural.

GUEVARAS

Em guerra e discoisão
houve muitos desta gente
que tiveram grão condão
e mais não há diferente
da gotica geração.

GODINHOS

Casou com Dona Fruela,
D. Fafes o esforçado,
mui estimada donzela
formosa rica e bela
trouxe este brazão honrado.

GUNDINS

O que fundou sendo monte
o mui nobre mosteiro
D. Godinho padroeiro
dele que se diz de fonte
foi desta casa o primeiro.

GOES

Os que a Goes possuiram
(vila é em Portugal)
foi gente mui principal,
desastres a consumiram
com quem lhe queria mal.

GUSMÕES

Um cavaleiro bretão
que se ajuntou a esta gente
misturou este brazão
o qual não foi diferente
da gotica geração.
Gusmão quer dizer nobreza
em arabigo e em vulgar,
Godo magno e com certeza
pois deles é o solar
de Torralva, em Tropeza.

OUTROS GUSMÕES

Estes são das mesmas gentes
trazem torre defumada
por sinal que foi queimada
dos Flores seus descendentes
Aranda la bien cercada.

HARO

A D. Diogo de Haro
el Rei D. Sancho matou
D. Biscaia lhe tomou,
posto que custou mui caro;
este solar acabou.

HENRIQUES

Este tambem é Real
e vem do Conde Girão,
é a mesma geração
que temos em Portugal
mas não já na sossesão.

OUTROS HENRRIQUES

Henrique é nome alemão,
e foi companheiro forte
é mui antigo brazão
e vieram lá do norte
contra a agarena nação.

LARAS

Dos sete Infantes de Lara
que morreram á traição
pelos mouros de Viana
ficou esta geração
que aos mouros custou cara.

LACERDAS

Tanto forte como Samsão
dos de Castela e Leão
e do sangue de Navarra
nasceu o deste brazão.

LANÇOENS

De Lopo Lanço Garcia
vem os Lançoes mui valentes
e de Fernandes Maria
dandrade e seus aescendentes
tiveram grande valia.

LEITÕES

Martim Leitão de Lodares
foi o primeiro dos Leitões
vindo de outras gerações
do qual vieram aos pares
muitos mui nobres varões.

LEMOS

De Galiza são os Lemos
antigos fortes e nobres
como hoje em dia vemos
mas os de cá como pobres
por pobres os esquecemos.
Antigos e não modernos
ds sangue nobre e honrado
com escudo não dourado
são de ouro cinco cadernos
mas de vermelho pintados.
Lemos é a geração
cujas estas armas são
de Galiza antigamente
a Portugal esta gente
veio com justa razão.

DE LEAM

Esta geração Real
de Castela e de Leam
acabou em Aragam
sendo sempre mui leal
mofino com seu irmão.

LIMAS

Os reis godos de Aragão
e os Froyazes, e os de Trava
deste escudo avós são
domados da gente brava
que venceu sua nação.

LIMPOS

Arcebispo e Primaz
o Limpo D. Baltazar
que em letras não teve par
foi o deste que aqui jaz
quasi divino empregar.

LOBOS

Quem por livrar a Donzela
matou os lobos que traz
na alta serra de guerra
se casou depois com ela
dando lhe e ladigo aprás

LONDRONON

Neses campos de Urdunha
o solar de Londronon
está posto num monton
outros são de Catalunha
outros que são de Leon.

MAGALHÃES

Do Porto são naturaes
os Magalhães e senhores
de Ponte da Barca e mais
tem outras terras maiores
vem de varões principaes.

MACEDOS E MONIZES

O leal D. Egas vem
da antiga Roma se diz,
leais os filhos tambem
e de um deles nome tem
o postigo do Moniz.

MAYAS

Esta geração senhora
foi primeiro em Portugal
vinda do sangue Real
e sempre mui lidadora
mas o tempo a fez igual.

MALAFAYAS

Boa alfaia lhe chamou
o grande rei D. Fernando
quando se lhe relatou
a embaixada que tomou
aos outros de seu bando.

MALDONADOS

Estes foram esforçados
em França onde andaram
estas armas alcansaram
e por casos desastrados
em Tordesilhas acabaram.

MANOEIS

Do imperador Manuel
D. Beatriz nasceu
que o rei Fernando escolheu
por marido, e yoel
donde este brazão descendeu.

MANRIQUES

Manriques é homem rico
da casa Lara Real
não nos ha em Portugal
mas em Castela nos fica
que é casa mui principal.

De Narbona almirante
de mui nobre geração
trouxe este nobre brazão
a quem o declara Infante
deve a filha com razão.

MARINHOS

Do antigo D. Pogão
e de uma molher marinha
veo este antigo brazão
dos Marinhos cuja linha
se acaba já sem razão.

MEIRELES E MEIRA

Rodrigo Afonso de Meira
mui esforçado varão
D. Godinha da Feira
ouve então por companheira
dos quais vem este brazão.

MELLOS

Os Mellos dos Melos vem
dos que em Roma triunfaram
e na Lusitania tem
a sua caza que exalarão
sem ser segunda a ninguem.

MENEZES

De Ordonho Rey de Leão
vem os pavezes reais
fidalgos não os ha mais
na Hespanha e dês então
foram sempre os principais.

MEXIAS

Estes são de Andaluzia
o solar tem nas montanhas
que tambem se diz Mexia
donde fizeram façanhas
e as fazem hoje em dia.

MIRANDAS

Aspa trazem colorada
os que tiveram Miranda
e aquela nobre Aranda
sobre ouro atravessada
com flores de lis em banda.

MONIZES

O leal D. Egas vem
da nova Roma se diz
leais os filhos tambem
e de um deles nome tem
o postigo do Moniz

MONTEIROS

O que se chamou Monteiro
foi D. Payo de Peleja,
deste apelido primeiro
casou com D. Thereja,
foi um grande cavaleiro.

MONTOYAS

Ouve um cavaleiro em França
dos de Taveira chamado
foi deste desafiado
e tendo já posto a lança
um frade os houve apartados.

MOYAS

Quem a Moya com esforço
posto que mui bem cercada
ganhou, só por esta escada
subio e com sua espada
fez nos mouros grão destroço.

MORAES

Esta gente mui guerreira
defendeu por sua lança
contra Castella Bragança
sustentando — se em Moreira
que o nome lhe deu por herança.

MOSCOZOS

De Rui Sanches de Mocera
os Moscozos nome tem
e por tanto lhe convem
estas armas de nobreza
que entre nobres lugar tem.

MOTAS

O que da Mota chamaram
foi Rui Gomes de Gundar
nobre vara singular
dos seus o nome mudaram
alguns por outro solar.

MOURAS

Sete castelos tomaram
D. Rolim com seus soldados
a mouras que cativaram
e deles os Reis passados
o de moura lhe dotaram.

MOUTINHOS

De serpe quatro focinhos
e no meio a flor de liz,
são as dos nobres Moutinhos
do Porto ou Matosinhos
naturais como se diz.

NETOS

Os Nepotes genitores
Romanos mui esforçados
deste brazão afamados
ali foram senadores
e agora são acabados.

NINHOS

Desta geração dos Ninhos
forão varões verdadeiros
na gerra muito inteiros
e dos godos não indignos
pois são mui bons cavaleiros.

NOVAES E NAVAES

Do velho Afonso Novaes
e de Tereja de Meira
pessoas mui principais
foi geração primeira
de des que já foram mais.

NORONHAS

Esta ilustre geração
tão insigne em Portugal
vem do conde D Girão
e do grande capitão
Marquez de Vila Real.

Sem temor e sem vergonha
onde quer que eles estam
armas de prata tem
e escaques os de Noronha
d'ouro verdadeiro tambem.
Noronhas são da montanha
e não doutra terra estranha
onde a terra tomada
de mouros é recobrada
e tornada á fé de Hespanha.

TENSÃO DOS NORONHAS

Esta espada ensanguentada
endredoura dos pavezes
traz o Marquez empinada
capitão dos portuguezes
em Ceita tão nomeada.

PACHECOS

Deste foi o valoroso
Duarte que escureceu,
que louvor mereceu
Alexandre e o famoso
que a Niza emnobreceu.

PADILHAS

João da vieja Castilha
maestros de calatrava
Sancho Pedro Padilha
Senhor de Nenna brava
el Cid nacio nesta villa.

PALLOMEQUES

Estes são bons cavaleiros
da cidade de Toledo
gente que não teve medo
e como fortes guerreiros
combateram a Olmedo.

PEIXOTOS

Peixoto Gomes Gonçalo
com Dosenda casou
de quem linhagem ficou
cujas proezas não falo
porque a trova as encurtou.

PIMEMTEIS

Estes vem dos Pimentarios
consulos e senadores
em Castela são primeiros
onde tem muitos sumarios
de seus feitos e louvores.
São condes de Benavente
em Castella os Pimenteis
e é mais ilustre gentes,
em Roma foram fieis.

PINAS

Desas manchas de Aragão
do godo sangue esforçado
vem esta grão geração
de que tomaram Leão
que os mouros tinham tomado.

PINTOS

Com o conde de Portugal,
das Asturias de Oviedo
veio D. Mendo Gundar
com D. Goda casar
de quem nasceu o sem medo
donde vem este solar.

PONCES DE LEAM

Desta casa de Leão
e do forte cavaleiro
parente de D. Roldão
ficou o forte herdeiro
que deixou este brazão.

QUEIROZ

Descendem do famoso
Bernardo del Carpio
filho do conde D. Sancho
de Saldanha e de sua mulher
a Infanta D. Ximena
filha de el Rei D. Fruela.
Tem os deste apelido
seu solar em Asturias
conhecida pelos muitos
cavaleiros que hão saido dela.

QUEVEDOS

Estes em viveram
nas das Asturias montanhas
antes dos godos vieram
que sempre prevaleceram
por suas grandes façanhas.

REBOLEDOS

Quem cuidou ver esquecidos
os Reboredos famosos
tão leais, tão conhecidos
Portuguezes valorozos
de mouros tanto temidos.

RIBAFRIA

Em campina de alegria
uma torre empinada
por armas foi colocada
a quem se diz Ribafria
alcaide mor da mesnada.

RIBADANEIRA

Estes são dos das montanhas
mais feros que touros bravos
que fizeram mil façanhas
na perdida das Hespanhas
contra alarves e diabos.

ROLINS

Sete castelos tomaram
D. Rolim com seus soldados
a mouros que cativaram
e deles os Reis passados
o de Moura lhe dotaram.

ROXAS

Este foi o que matou
aquele mouro afamado
e as luvas lhe tomou
de sua dama e ficou
por este feito alabado.

RUELAS

Ruelas de Fuensalida
são cavaleiros honrados
e deles grandes perlados
santos de mui boa vida
e em Toledo gerados.

SALAZARES

Esforçados como mares
de las montanhas de Oviedo
foram os bons Salazares
e nunca tiveram medo
nem menos dos dez e pares.

OUTROS SALAZARES

Sacar azar se dizia
o mofino cavaleiro
quando nas batalhas ia
mas não que outro guerreiro
que ele melhor o fazia.

SAYAVEDRAS

Estando o grão Tarmolão
com o Tártaro em peleja
o fez este saia vieja
como um feróz Roldão
que a todos fez enveja.

SILVAS

Trazem leão e mais sanguinho
os Silvas da Corunha e Vigo
cujo solar é no Minho
junto de S. Vitorinho
nobre leal e antigo.

Estes condes de Cifantes
são garfos de Portugal
vem nos criados nos montes
por um fero animal
que não perdoa a infantes.

SILVEIRAS

De Silvano senador
de Silvio tambem gerado
vem o de cujo valor
foi Dio fortificado
com tanta gloria e louvor.

SODRÉS

São de Bertanha os guerreiros
Sodrés tão avantajados
ilustres nobres e honrados
leais e mui verdadeiros
em tudo abalisados.

SOUZAS

Dous escudos venerados
de Portugal e Leão
ao travez esquartelados
armas dos Souzas são
mui dignos de seus passados.

SOTTO MAYOR

Estes são o do solar
do alto do mar gerado
que quizeram degolar
pelo Infante matar
por erro mas conhecido

Os deste de Portugal
de Afonso Mendes descendem
cavaleiro principal
galego, tambem pretendem
godo sangue real.

TAVEIRAS

Pelo que trazem cordão
de redor da orladura
são homens de opinião
que contra o povo pagão
tiveram...
Dos consules senadores
Taveiras de Roma vem
do Senado defensores
com outras honras maiores
que o tempo comido tem.

TAVORAS

As ondas de Tavoras são
de sangue em azul mudadas
derramadas dos que estão
em S. Pedro já
sendo desta geração.

TEIXEIRAS

Junto está de Mejão Frio
esta Teixeira antiga
gente foi de grande brio
e naquela forte briga
nunca mostrou o fio.

TELLOS DE MENEZES

Do godo Rei de Leão
naceu a formosa Julia
que ouve de Telo vilão
em Menezes de Caroulia
alta e real geração.
Do godo Ordonho de Leão
Rei, vem os pavezes reais;
fidalgos não os ha mais
na Hespanha e dês então
foram sempre os principaes.

TOVAR

Estes deixaram Castela
por seguir a Portugal
de que lhe não veio mal
posto que deixaram nela
Berlangna e outra que tal.

TORQUEIMADA

Godos foram a Sardenha
a fazer uma entrada
onde uma torre afamada
um deles queimou sem lenha
e lhe ficou Torqueimada.

TOLEDOS

Daquele grão D. Ilião
que está na sé de Toledo
com este escudo na mão
pintado, forte sem medo
vem este alto brazão.

OUTROS TOLEDOS

De Toledo são Soares
de el Rei Fernando privados
que no Trancozo cercados
pelejaram como mares
morreram como esforçados.

OUTROS TOLEDOS

Estes de Toledo são
o morgado e solar
tem nos montes de Magão
em virtude não tem par
todos desta geração.

VIEIRAS

Pelos vales de Pombeiro
viera com seu concelho
este que foi verdadeiro.
e mui leal companheiro
do bom Portugal o velho.

VIEGAS E CORREAS

Couros e Correas são
os deste progenitores,
Atougia tambem são
e de Belas são senhores
com mando e com jurisdição.

VILHANEDAS

Tiveram a Escalona
os que vem desta semente
é cavaleirosa gente
e na tomada de Ancona
fez do passado presente.

VIVEIROS

Afonso Pires Viveiro
do solar de Orto gira
ao conde de Atamira
deu sua filha como herdeiro
sendo de antes escudeiro.

VEDRAS

O que um olho perdeu
por livrar sua Rainha
estas armas escolheu
reais e depois prendeu
o rei mouro que a tinha.

Manuel de Souza da Silva

SOLARES DA GERAÇÃO D'ENTRE-DOURO-E-MINHO, DESCOBERTOS E FEITOS EM ENDEIXAS E QUINTILHAS

Manuel de Souza da Silva é o reputado autor do Nobiliario das gerações de Entre-Douro e Minho (*Ms.*) *que tanta consideração mereceu a D. Antonio Caetano de Souza (ap. Apparato, pag. CLXIII), e a Camilo Castelo Branco (ap.* Narcoticos, *nota final ao estudo «Os Descendentes do Famoso Poeta quinhentista Doutor Antonio Ferreira»). Viveu na segunda metade do século XVII.*

Foi capitão-mór Santa de Cruz de Riba Tamega.

Era filho de Antonio de Souza Alcoforado, e de D. Isabel da Silva, sua mulher.

Alem da obra apontada, e da que adiante pela primeira vez se publica, escreveu ainda umas notas no Nobiliario do Conde D. Pedro, que se conservavam na livraria do Senhor de Entre Ho-e Cavado. Luis Carlos Machado.

Os Solares conhecidos
Que entre Douro e Minho
Familias que d'elles vem
E illustres appellidos
São os que aqui se contem.

PORTO

O Porto é conhecido
por dar seu nome ditoso
A Portugal tão famoso
Em toda a terra sabido
Em todo o mundo glorioso.

GUIMARÃES

Em Guimarães o primeiro
Ahi nasceu de Portugal
Dom Affonso sem egual
Que é o tronco verdadeiro
D'essa prosápia Real.

BARCELLOS

De Barcellos o Condado
Dom João primeiro deu
A Affonso filho seu
E a Beatriz com quem casado
foi; n'esta terra nasceo.

SOUZAS

Junto do Souza famoso
Em Novellas de Pousada
foi a casa sublimada
Dos Souzas; que o rigoroso
Tempo converteu em nada.

BARBOSAS

Em Penafiel Barbosa
D'esta geração sabida
E' a casa conhecida
No tempo antigo famosa
No presente descahida.

VASCONCELLOS

Junto ao Cavado se vê
Em Ferreiros assentado
O Solar nobre e honrado
Dos Vasconcellos em pé
As paredes sem tilhados.

BERREDOS

Esta quinta de Berrêdo
No Concelho de Lanhoso
E' o Solar poderoso
Dos Barrêdos que mais cêdo
Acabou o tempo bondoso.

RIBEIROS

Lá em Gaya, Canidello
foi a casa dos Ribeiros
Esforçados cavalleiros
Que na lealdade e zêlo
Sempre foram os primeiros.

ALVELLOS

Os Alvellos descendentes
São do grande Dom Osorio
Moráram no territorio
De Lanhoso tão valentes
Como sempre foi notorio.

MAYAS

De infante Alboazar
Vem o guerreiro valoroso
da gram caza de Avioso
Os Mayas; que não teve par
No seu tempo glorioso.

GAYOS

Sueiro Annes de Gaia
foi por morar no julgado
de Gaya assim chamado
Veyo da caza da Maya
Tão ilustre no passado.

BAGUIM E CANELLAS

Martim Sueiro Baguim
Que Rio Tinto morou
donde este nome tomou
O qual tambem outro sim
de Canellas se chamou.

SILVAS

Esta illustre e fatal
A quinta da Silva mãa *(sic)*
que perto de Braga está
A Hespanha e Portugal
Catorze titulos dá.

PEREIRAS

Em o Couto de Palmeira
Foi seu primeiro solar
Depois se veio a mudar
para a quinta de Palmeira
Em ser mui do Ave a par.

TOUGUES

Da Maya no territorio
Estão já arruinadas
As casas grandes honradas
Que a todos é notorio
Foram dos Tougues moradas.

LAGOS PEREIRAS

A Torre do Lago antiga
A' vista está a Palmeira
Sua origem primeira
Pelo que é razão a siga
E chame os seus Pereiras.

DADES CASTROS

Em São Martinho do Conde
Os Dades solar tem
Para elle os Castros vem
Lá de Fornellos de donde
passaram cá para aquem.

AGUIARES

Desse Dom Guêda antigo
Tem os de nome honrado
De Aguiar sublimado
Por terem o seu abrigo
N'esta terra assim chamado.

ALCOFORADOS

Em Pedrozello o solar
Está dos muito honrados
Illustres Alcoforados
Dessa caza de Aguiar
A Penafiel passados.

BASTOS

Em Basto de Cabeceiras
Tiveram sua guarida
Os de familia sabida
Dos Bastos em terras primeiras
Algum tempo conhecidas.

BARROSOS

De Basto na fresca terra
Foi o solar de Barroso
Algnm tempo poderoso
Hoje Castela o enterra
Com titulo generoso.

AROIS E GANÇOS

Nos que da Quinta de Arois
Em Guimarães pousaram
A Martim Gil contaram
Seu filho neto barois
Os Ganços só nomearam

VIDES

Em Basto, a mui alteira
Quinta de Vides está
Que seu nome ilustre dá
A geração que se estriba
Somente no que foi já

COGOMINHO

Para Evora passaram
Cá de Entre Douro e Minho
Onde tiveram seu ninho
Os illustres que tomaram
O nome de Cogominho.

COELHOS

Junto do Douro e Sinfães
Coelha quinta honrada
Foi a primeira morada
dos Coelhos mui leais
Nessa idade passada.

ATAYDE

De Santa Cruz no concelho
Está a Quinta do Pinheiro
de Atayde verdadeiro
Solar no Portugal velho
Grande neste pardieiro.

VILELLAS

Em á terra de Lanhoso
Nessa quinta de Vile"
Moraram Ataydes nella
Largaram seu nome honroso
Tomaram o nome della.

MONISES

Morou lá em Bemviver
Martim Moniz de quem vem
Os Monizes em Rosem
E pela fé defender
Na de Ourique a morte tem.

BUBAL

Do Bispo em Vila Bôa
Junto do Tamega fundou
Essa quinta a Raimundo
Que hoje de outro nome sôa
Deu os de Bubal o mundo.

ESPINHEIROS

De Bemviver no julgado
paredes Couto vereis
Foi solar dos Espinheis
Que lh'o deram no passado
tempo; os antigos reis.

MACHADOS

Em Lanhoso está fundado
O solar nobre em Geraz
donde a origem traz
A familia dos Machados
Assim no presente o faz.

BAYÔES

Dom Arnaldo da Alemanha
Veio com justa razão
para a terra de Bayão
A qual aos mouros ganha
para a sua geração.

AZEVÊDOS

Em o Concelho do Prado
E' o solar conhecido
dos Azevêdos sabido
dos seus sempre no passado
tempo; e neste possuído.

VELHOS

Nas n[illegible]gens de Neiva claro
Os Velhos certo viveram
Os que delles descenderam
deixaram este preclaro
nome; e outros houveram.

BARRETOS

Na barra do claro Lima
Dos Barretos o Solar
Esteve junto do mar
Que deitando areia em cima
O veio a sepultar.

GATTOS e MORAES

De Gestaço honra antiga
Do Concelho de Bayão
Naturaes os Gatos são
Onde tanto tambem se abriga
Dos Moraes a geração

TAVEIRAS

Em S. Vicente viveram
De Penafiel honrados
Os Taveiras esforçados
Santo Antonio tiveram
Que é luz dos seus passados.

SEQUEYRAS REDONDOS

Sequeira honra antiga
Foi dos Redondos morada
A um seu filho deixada
Sua geração abriga
De Sequeira ser chamada.

SERVEIRAS

Junto de Braga cidade
Em São Payo de Pousada
Está a casa honrada
Dos Serveiras, que na idade
Antiga foi celebrada.

CUNHAS

Em Cunha velha viveram
Os primeiros da estimada
Progenia de Cunha honrada
Portugal e Hespanha encheram
de geração sublimada.

CAMELLOS

Os Camellos esforçados
Sempre foram moradores
de Bayão hoje Senhores
Tresentos anos passados
Até aqui seus successores.

PIMENTEIS

Junto do rio Visella
Se vê em Santo Adrião
O paço velho e o chamam
Solar da illustre ; e bella
Dos Pimenteis geração.

MESQUITAS

Um ramo dos Pimenteis
de Mesquita são chamados
por em Arzilla esforçados
Vencer os mouros crueis
Na forte Mesquita entrados.

PORTO CARREIRO

Uma torre já cahida
Que está em Porto-Carreiro
E' o solar verdadeiro
D'esta geração subida
Hoje em Hespanha, cá primeiro.

PEIXOTOS

Lá em Monte Longo tem
Os Peixotos o sabido
Solar seu enobrecido
para Penafiel vem
Com senhorio subido.

CORREIAS

Farelães é o solar
Que aos Correias deu o ser
E Dom Payo veio a ter
O qual fez o sol parar
Para os mouros vencer.

NOVAIS

Na terra de Vermoim
Esta honra de Novais
E' o solar dos mui leaes
Que tomaram o nome assim
E d'ella passou aos mais.

MAGALHÃES

Magalhães a alta torre
Em a Nobrega fundada
Foi a subida morada
Da geração mui nobre
Como era nomeada

BOTELHOS

Lá em Airiz de Ferreyra,
De Aguiar no Concelho
Ha o logar de Botelho
Dos Botelhos a primeira
Casa do Portugal velho.

ERVILHAM

Em Penafiel estam
Na Quinta de Bentuzella
Que Villa caba á selha
As moradas de Ervilham
Dos Morgados parentella.

VALLADARES

A terra de Valladares
Nas margens do Minho e Douro
E' o solar poderoso
Dos barões mui singulares
A quem deu seu nome honroso

TANGIL

No termo de Valladares
De Tangil a casa rica
A sua geração fica
Que o nome de Soares
Com os seus junto publica.

ABREUS

Sobre o Minho fundada
Está a torre de Abreu
Que seu nome illustre deu
A geração que estimada
Para Regalados veio.

BRITOS

De Britos a fresca ribeira
Junte ao Ave cristallino
Deu seu nome peregrino
Aos Britos que de Serveira
Hoje Viscondes se assinam.

RIBA DE VISELLA

A Casa illustre e grande
Dos de Riba de Vizella
Acha-se origem nella
Dos Mellos e Alvins e Sandes
E outros que procedem della.

TRONCO DOS MELLOS

Soeiro Reimão viveu
Nessa quinta de Aguião
Destrito de Gondomar
Mem Soares filho seu
Os Mellos veio a gerar.

SANDES

Em São Clemente de Sande
Os cavaleiros viveram
Que este nome tiveram
E da casa sempre grande
De Visela procederam.

PENELLA E GRAVEL

Em Riba Lima moraram
Nessa terra de Penella
Os que tem o nome della
Que os de Gravel procuram
Mui illustre parentella.

NOBREGAS

Dom Ourigo sublimado
A Nobrega conquistou
dos mouros onde morou
E o seu nome illustrado
A seus vindores deixou.

VALENTES

Diogo Gonçalves forte
deixou a sua semente
E com nome de Valente
por sua honrada morte
Na de Ourique a gente.

URRÓ

Junto de Souza algum dia
Esteve a casa fatal
de Urró que em Portugal
Foi illustre e de valia
E acabou num cardeal.

GUNDAR

No concelho de Gestaço
Moraram os de Gundar
Seu esforço singular
Nunca o tempo escaço
O poderá duvidar.

FREITAS

De Freitas este julgado
No termo de Gulmarães
deu seu nome a estes tais
E dom Martim esforçado
O espelho dos leaes.

MOTTAS

No districto de Lanhoso
da Motta quinta altiva
parece que se deriva
dos Mottas o nome honroso
Que do de Gundar os priva.

BRITEIROS

Entre Braga e Guimarães
foi a casa dos Briteiros
Esforçados cavalleiros
poderosos e leaes
No tempo dos Reis primeiros.

SOVEROSAS

Morou primeiro em Sobrado
A geração generosa
que veio para Soverosa
de Aguiar; que no passado
Tempo foi mui poderosa

VALLES E BABLÔIS

Em Palmalaios couto antigo
Na Maia as casas estam
que o solar dos Valles são
E dos Babilôis abrigo
de que não ha geração.

COREIXAS

De Penafiel sua terra
Coreixas quinta subida
Os seus deu nome e guarida
Os avós dos quaes em terra
Almazocos casa subida.

CURUTELLOS

Em Riba Neiva, Braz
A illustre; e sublimada
dos Curutellos morada
que ainda no presente jaz
Num alto monte fundada.

REGOS

De Rossas por certo digo
São os Regos naturaes
Cavalleiros principaes
Sempre no tempo antigo
Conhecidos por leais.

ALTEROS

Dom Fafes Luz, e honrado
Alféres do Conde Henrique
Bisneto seu se publique
O de Altero chamado
Cujo nome aos seus fique.

FAFES

Dos Fafes a caza honrada
Monte Longo a reserva
Mas de Lanhoso se observa
Veio para cá mudada
Onde seu nome conserva.

TEIXEIRAS

Para a honra de Teixeira
Os de Lanhoso vieram
Ahi seus filhos viveram
Que o nome da primeira
Deixaram, este tiveram.

BRANDÕIS

Um cavaleiro inglez
Morou em paço Brandão
Do qual vem a geração
dos Brandões que assento fez
Em Coreixas ; aonde estão.

FERREIRAS

Em Vila Verde de Airiz
Junto do rio Ferreira
Foi a morada primeira
Da progenia que se diz
Dos Ferreiras verdadeira.

CARNEIROS

Dos que o Porto tomaram
Aos mouros, foi um moutão
E ahi teve geração
Que o seu nome mudaram
Em Carneiros que hoje são.

LEITÕES

O Solar tem em Lodares
De Louzada os que são
da progenia de Leitão
Cavaleiros singulares
Houve dessa geração.

MOREIRAS

De Basto em Celorico
Em a torre de Moreira
Foi a morada primeira
Dos Moreiras qae não ficam
Sem nobreza verdadeira.

CARVALHOS

Carvalho couto antigo
Em Basto hoje se vê,
Que o solar certo é
Ilustrissimo abrigo
Dos Carvalhos sem o dê.

CARVALHOSAS

Em Santa Cruz São Romão
Que se diz da Carvalhosa
Tem essa quinta honrosa
Que é solar da geração
dos Carvalhosas famosa.

CALVOS

Bem se vê junto do Douro
Em Pena longa estar
De Calvos esse logar
Que é dos Calvos, sem agouro,
O mais antigo solar.

BORGES

Lá de Crespo e Lourêdo
Em Basto foram senhores
Os altos progenitores
Dos Borges que muito ledo
Alcançaram outros maiores.

MACIEIRAS

Vieram os de Macieira
A Portugal viver
Em Luzim é certo ter
Sua casa derradeira
No arrebalde vem a ser.

BEIRA

João Esteves da Beira
Da torre de Beira honrada
Tomou esta nomeada
que D. Pedro chama neire,
E' em Aguiar fundada.

GRANJAS

Dom Soeiro de Balzar
de longos se nomeou
porque ahi tambem morou
Na granja que veio a dar
Nome aos nétos que deixou.

BUGALHOS

Espozade, quinta honrada
Na Maya é o solar
Dos Bugalhos singular
Filhos de Paio e de Evora
E netos dos de Belzar.

FORNELLOS

Em Monte-longo Fornellos
Foi a casa em que viveram
Os que este nome tiveram;
Depois deixaram perde-lo
E o de Monte houveram.

ABELAL E SOBRAL

Teve a casa em Aguiar
Estevão Dias Leal
De quem vem os de Abedal
E os que ouvimos chamar
De nome de Sobral.

CALHEIROS

Essa torre de Calheiros
de Ponte do Lima perto
Em o tempo descoberto
que é solar dos Calheiros
A quem deve seu nome certo.

FAGUNDES

Gil Fagundes Cavalleiro
Em Boteca foi creado
de Freitas em o julgado
E' seu gremio verdadeiro
Em Viana é conservado.

BACELARES

De Valença na campanha
Se vê inda hoje estar
A torre de Bacellar
Em Portugal e Hespanha
Dos deste nome solar.

VIEIRAS

Lá em Villa Sêcca tem
No concelho de Vieira
Sua casa verdadeira
Os Vieiras da qual vem
Sua origem primeira.

FERRAZES

Em Refoios Paço Covo
Solar muito nobre jáz
da qual a origem traz
No tempo velho e novo
A geração de Ferraz.

MEDAS

Martim Sanches esforçado
Lá em Aguiar morou
E das Medas se chamou
por ter este nome honrad
O Solar em que habitou.

SOALHÃIS

Entre Bayão e Gouvêa
Essa torre de Soalhãis
E' o solar dos leais
Que o seu nome deu a
Cavalleiros principais.

VIVAS

Afonso Martins Vivas
Dom Sancho segundo deu
Negrellos por couto seu
Junto ás aguas fugitivas
Do Visella onde viveu.

NEGRELLOS

Veio Rui Paes de Luzim
Para Negrelos viver
Os filhos que veio a ter
Tomaram o nome assim
Por nesta terra nascer.

FIGUEIRAS

Em Bemviver Fundiatais
Teve assento a verdadeira
Casa de Pedro Figueira
Cavaleiro entre os mais
Nessa idade primeira.

CAMINHA

Os Caminhos, de Caminha
Devem certo proceder,
Para o Porto vem viver
Donde foram mui azinha
A Villa Viçosa ter.

CAZAL

Dom Sancho primeiro deu
A honra de Guminhãis
No termo de Guimarães
Aos do Cazal que no seu
Tempo foram principais.

DANTAS

Dantas familia subida
Foi em Coura soberana
Para terra transtagana
Vai buscar nova guarida
Que seus vindouros alhana.

REFOYOS PARADAS

Lá em Refoyos do Lima
Teve casa sublimada
Donde veio para Parada
A geração que se estima
Por ter esta nomeada.

BELMIO

Os que nome tiveram
Desse Couto de Belmio
Pelo então possuir
Osde Barundo vieram
Certamente a proceder.

BARBAES SOLAS

Os que o nobre mosteiro
de Barbaes certo fundaram
Este nome seu tomaram
E depois por derradeiro
De Solla se nomearam.

ULGEZES

De Guimarães no districto
Na nobre quinta de Ulgezes
Moraram os portnguezes
Que seu nome, já prescripto,
Lograram em tantos mezes.

CANAS

Na quinta de Canas tem
Em Penafiel honrada
A sua casa sublimada
Os que da familia vem
Que tem esta nomeada.

GULFAR

Na Maia a casa solar
de Beandri se concina
da qual certo se destina
A familia de Gulfar
Algum tempo peregrina.

TALHACARNE FAJOZES

Lá em Fajozes moraram
Na Maia os esforçados
Talha carne nomeados
E os que do nome ficaram
Desta sua casa honrada.

MARECOS

De Souza em Penafiel
De Marecos esta aldeia
Os de seu nome a Rea
Os quaes o tempo cruel
por varias partes semeia.

LUZIM

Em S. João de Luzius
De Penafiel coutados
Moraram os sublimados
que tem o nome assim
Em esses tempos passados

FARIAS

Vem da terra de Faria
A geração singular
De que por não entregar
O forte que defendia
Viu seu pai espedaçar.

BARRIGAS

Em Pena Maior se vê
Em Refoios a antiga
Casa de Martim Barriga
Que o tronco deste é;
Africa seu valor diga.

PASSOS

Os de Passos principais
Sua casa tem famosa
Freguesia de Luslosa
No termo de Guimarãis
Que foi muito poderosa.

OUTTIS

Em Barcellos no julgado
A nobre quinta de Outtiz
Aos seus naturais fiz
Tomar um nome honrado
Que com ela se diz.

FRAZAM

Refoios de Santo Tirso
Tem a honra de Frazam
De donde naturais são
Os que por respeito disso
O seu mesmo nome hão.

VILLAS BOAS

Junto a Barcellos ha
Em essa terra osivina
É a casa peregrina
Que os Villas Bôas dá
Seu nome e lhes concina.

LEYTES

Em Calvos de Basto tem
Sua illustre guarida
Essa familia subida
Que dizem que de França vem.
Dos Leites enobrecida.

CIRNES

Dizem que de Inglaterra
Para o Porto vieram
Os Cirnes, onde viveram
De Agrella onde os incerra
O senhorio houveram.

COUROS

Os que se chamam de Couros,
Do Porto são naturais
Onde foram principais
E ainda os seus vindouros
São conhecidos por tais.

POVOAS

Os de Povoas chamados
No porto tambem moraram,
para Lisboa passaram
Onde vivem mui honrados
Os vindouros que deixaram.

CANTOS

Na Villa de Guimarãis
Tiveram a verdadeira
Casa dos Cantos primeira;
São hoje mui principais
Em essa Ilha Terceira.

ROCHAS

Em Almeirêdo viveram
Os de Rocha; em Vianna
por mercê soberana
O Senhorio tiveram
de Afife a terra lhana.

BARROS

Lá desse logar de Barros
Tomaram o appelido
de todos bem conhecido
Os cavalleiros bizarros
Que tem seu nome subido.

POYARES

Dom Pedro Mendes Poiares
Se em Bem Viver viveu
Em Transconhe morreu
Entre outros singulares
Quando seu primo venceu.

BARBAS

Martim Vasques afamado
O Barba se nomeou
porque a barba arrancou
A um mouro esforçado
Com quem se desafiou.

PAREDES

Lá em Bem Viver Paredes
A casa dos seus pondera
Que foy ilustre e sincera
A onde hoje nada vêdes
Do que nesse tempo era.

CURVEIRAS

Esse Couto de Curveiras
Em Penafiel encobre
A casa illustre e nobre
Dos Curveiras a primeira
Que o tempo tornou pobre.

VIEGAS

João de Viega nascido
da casa de Azevêdo
Em a illustre Berrêdo
Deixaram o apellido
Dos Viegas certo sem mêdo.

MOLLES

De Molles na quinta antiga
No julgado de Faria
Morou a genealogia
Dos Molles; que o tempo diga
Seu valor e fidalguia.

ESCOLLAS

Lourenço Escola honrado
privado de El Rey Dioniz
E seus descendentes fiz
Tomar o nome estimado
Que para si mesmo quiz.

TEMUDO

Gabriel Gonçalves Forte
Dos de Ponte procedia
E Temudo se dizia
por a um Mouro deixar morto
Que este nome havia.

NICOLAS

Nicolas raresa é
Tronco dos que estimados
foram Nicolas chamados
Que em portugal se vê
foram algum dia honrados.

BICOS E BICUDOS

Do Porto são naturais
Vem a Fanzeres morar
na terra de Gondomar
Os Bicos mui principais
Que em Bicudos vem a dar.

FELGUEIRAS

Da geração de Felgueiras
É o berço verdadeira
Essa quinta de Sabreira
No Minho em a Ribeira
Que é dos nossos o primeiro.

ARANHAS

Disem que veio de França
para esta nossa Espanha
Esse primeiro Aranha
E lá no Porto descança
E seus vindouros entrenha.

VINHAL

Essa torre de Vinhal
Em S. João de Folhada
de Gouveia foi morada
dos do seu nome fatal
Em Espanha conservada.

SÃO PAYOS

Nessa terra sem engano,
De São Payo o logar
E' o ilustre solar,
Dos que seu nome ufano
Se costumam reclamar!

LIMAS

Fernando Annes de Lima
de Gallisa cá passou
E em Gallisa fundou
A casa de grande estima
Dos Viscondes que gerou.

FURTADOS E MENDONÇAS

Para esta terra vem
De Biscaya os sublimados
Illustrissimos Furtados
Que em Penafiel tem
E Aguiar coutos honrados.

ARAUJOS

Lá de Lobios de Galliza
Vieram para Lindoso
Os de gremio valoroso
de Araujo por guisa
Que foi cá mui poderoso.

FIGUEIROAS

Martinho de Figueirôa
Lá em Gallisa nasceo
para o Porto morar veio
Aonde dos seus ainda sôa
O presente nome seu.

PAMPLONAS

Lá em Navarra Tadella
Foi patria do singular
Que por Pamplona livrar
Tem os seus o nome della
Vem para o Porto morar.

LOBATOS

Veio Dom Vasco Lobato
Lá do couto de Melam
de Gallisa a Monção
Aonde neste tempo grato
Seus descendentes estão.

PITTAS

A casa de Ortigueira
Lá em Galliza descrita
E Portugal participa
A familia verdadeira
Que tem o nome de Pitta.

Tapeçaria de Tavira, existente no Muzeu Municipal da Figueira da Foz

(Do livro «Wandteppiche» 4.o vol. pag. 526)

Bibliographia de Historia e de Arte

Um livro sobre tapeçarias

HEINRICH GÖBEL — Wandteppiche — Leipzig — Klinkhardt & Biermann — 1923-1928 — 4 vol. in 4.º

O Dr. Heinrich Göbel acaba de publicar a segunda parte da sua monumental obra sobre tapeçaria.

Procurou o illustre escriptor e critico allemão, no plano geral do seu trabalho agrupar por paizes e por ordem chronologica as producções dos ateliers regionaes e os nomes dos sucessivos tapeceiros, descrevendo os seus productos, descendo ás meticulosidades da technica, ás variantes dos cartões e ós muitas replicas que se teceram.

A primeira parte do seu livro refere-se ás generalidades, á tecnica e aos paizes neerlandezes, Flandres, Hollanda, etc., dando-nos uma abundante bibliographia cheia de interesse e de dados historicos, indices de tapeçarias, de tapeceiros, de artistas, e de personagens celebres citadas ou reproduzidas nos tapetes e uma valiosa documentação iconographica, reproduzindo inumeras tapeçarias, cercaduras, promenores e uma importante serie de marcas e monogramas de tapeceiros.

E' sem duvida, uma obra capital, de grande interesse para os estudiosos do assumpto, e feita com o espirito de metodo e de senso critico solida base que caracterisa os trabalhos dos eruditos allemães, de que o livro do Dr. Henrich Göbel é um exemplo frisante.

A segunda parte da sua obra, agora terminada, refere-se aos paizes latinos. Dentro das normas seguidas, descreve-nos os celebres ateliers francezes, as maravilhas dos Gobelins, Beauvais e Aubusson, e das suas incomparaveis producções que nos seculos XVII e XVIII deram uma nova feição á tecnica, por vezes ingrata, da tapeçaria, orientando-a em novos moldes, por ventura discutiveis hoje, mas que ao tempo fizeram uma revolução.

O Dr. Göbel que estudou durante muitos anos o assumpto, resume e ordena n'uma sabia disposição o que se tem escripto sobre a materia, especialmente em França, Italia e Espanha produzindo factos ineditos, procurando com uma paciente proficiencia investigar de muitas tapeçarias que se reputavam perdidas e de muitos ateliers ou tapeceiros cuja origem e trabalhos estavam envoltos n'uma certa obscuridade.

Em França os notaveis trabalhos de Guiffrey, Muntz, Gerspach, Fénaille etc., são uma encyclopedia valiosissima das tapeçarias francezas; em Italia as investigações de Campori, Venturi, Malaguzzi e do proprio Muntz, tornaram bem conhecidos os «arrazi» de Milão, Roma, Ferrara, Florença e de Veneza. A esses trabalhos todo o investigador consciencioso e erudito tem que ir procurar elementos para os seus estudos.

Descreve o auctor as manufacturas espanholas, as antigas de Saragoça e Barcelona, as mais recentes de Salamanca e de Madrid, onde a de Santa Barbara foi illustrada pela tenacidade da dinastia dos tapeceiros Van der Gotten, celebrada pelos cartões de Mengs e do imortal Goya.

Já Elias Tormo e Sanchez Canton e antes Cruzada Villaamil e Riano, tinham escripto sobre as tapeçarias

hespanholas, cujos trabalhos foram aproveitados pelo Dr. Göbel com uma discrição que muito o honra.

A bibliographia não despreza as mais pequenas informações de revistas e artigos soltos, que tantas vezes revelam factos que passaram desapercebidos e por correlações sucessivas conduzem a descobertas ou identificações importantes.

A parte porém que muito nos interessa é a referente a Portugal. Nela se escreve pela primeira vez no extrangeiro sobre os antigos tapeceiros portuguezes, d'aquelles que no tempo de D. Affonso V e de D. Manuel faziam pannos de armar, até aos que trabalharam nas fabricas que o Marquez de Pombal fundou em Tavira e Extremoz.

De Tavira, publica o Dr. Göbel reproduções de tapeçarias e das respectivas marcas.

Dá-nos ainda o auctor, a noticia de um tapeceiro flamengo que nos fins do seculo XVI, acompanhou o arquiduque Alberto a Portugal, e aqui fundou um atelier, de que não restam, ao que nos consta, outras noticias.

Já anteriormente, na parte relativa á Flandres, o erudito allemão, fala das tapeçarias da India e de outras que interessam à historia de Portugal, e na nomenclatura dos tapeceiros de Aubusson refere-se aos Mergoux e aos Goffinets, que vieram para Portugal, bem conhecidos depois, uns pela fabrica da rua da Fonte em Tavira, outros pelas tapeçarias fornecidas ao rei Pedro III, para o palacio de Queluz.

O trabalho do Dr. Göbel, cuja publicação pertence aos conhecidos e estimados editores de arte, de Leipzig, Klinkhardt & Biermann, brevemente completado com a terceira parte relativa à Allemanha e aos paizes slavos é apresentado como o sabem fazer os prélos alemães, e constitue um valioso estudo que honrando o seu auctor, o coloca entre os primeiros criticos modernos que se ocupam d'essa especialidade, tão importante, das artes decorativas.